

# Os Milagres de S. José de Riba-Mar

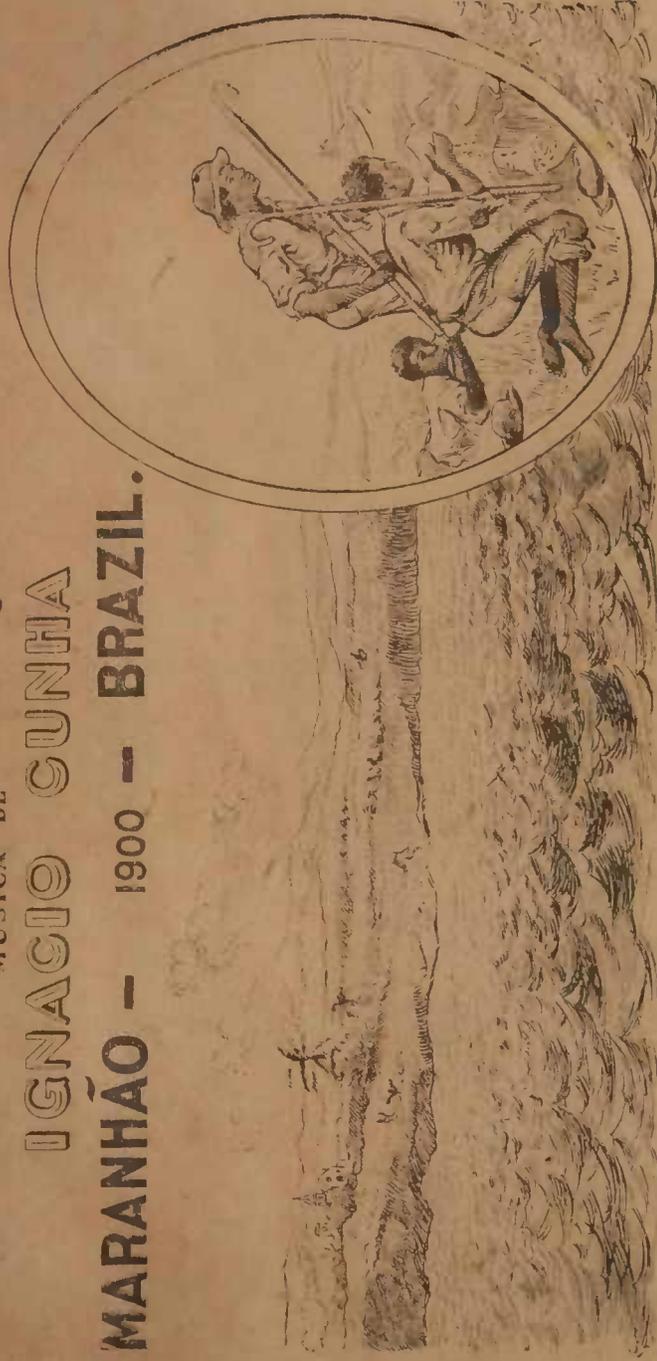
Original DE

AMÉRICO AZEVEDO

MUSICA DE

IGNACIO CUNHA

MARANHÃO - 1900 - BRAZIL.









COMEDIA

—DE—

COSTUMES



*Os Milagres de S. José de Ribamar*

EM 3 ACTOS  
E 4 QUADROS

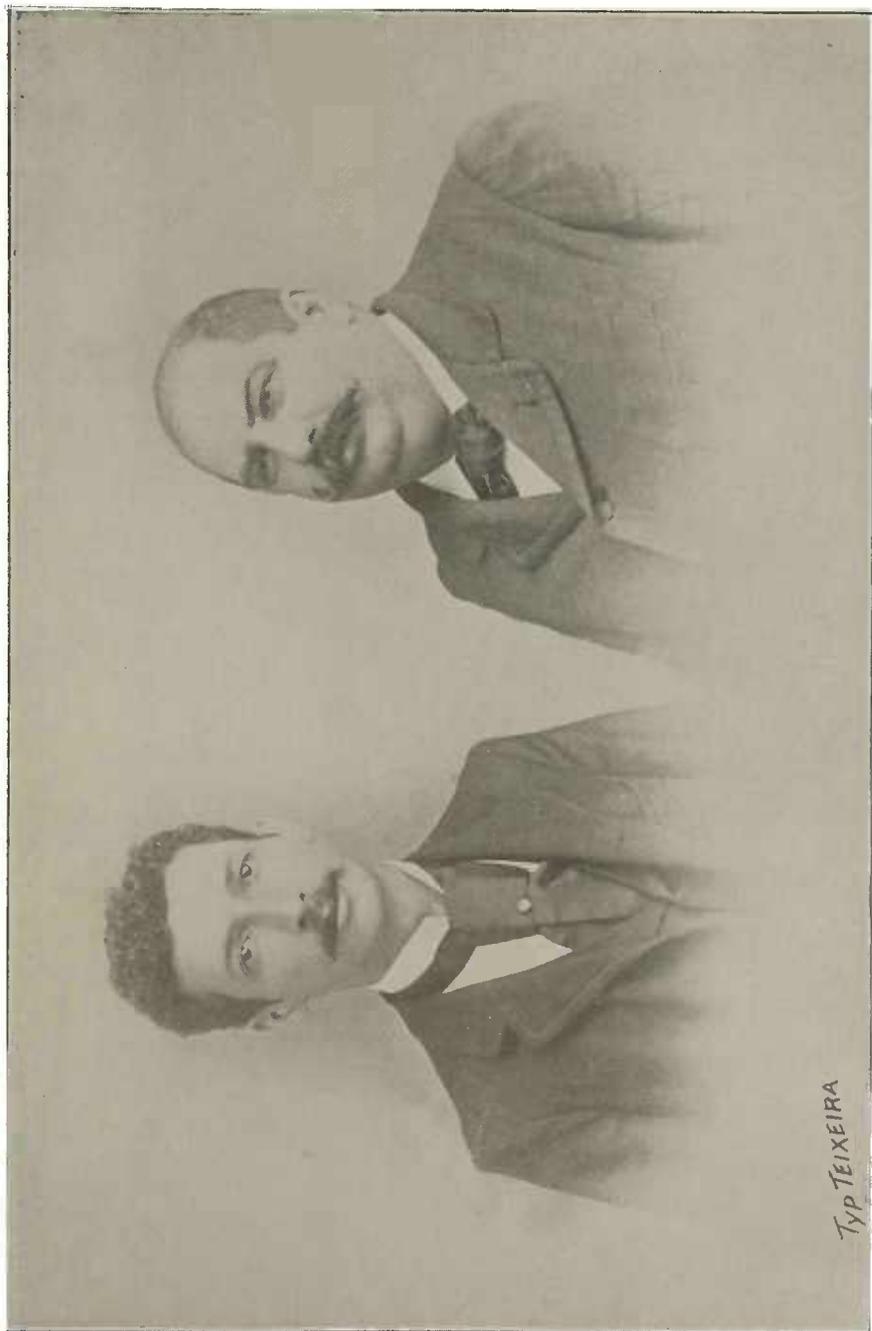
*Original de Americo Azevedo*

Musica de Ignacio Cunha

**21 de Agosto de 1899**

Imp. na Typ. da—Alfaiataria Teixeira





**Ignacio Cunha.**

**Americo Azevedo.**





A' vista da acceitação que «**Os milagres de São José de Riba-mar**» tiveram do publico, que em dez ou doze espectaculos, concorreu animadamente, ao theatro «Provisorio», levado até alli, não sabemos se pelo seu principio religioso, ou se por mero entretenimento; deliberamos offercer o nosso despretencioso trabalho (musica e poema) á benemerita e incansavel **Commissão das aguas á Riba-mar**, confiados em que a peça lida, desperte em tão generoso publico o mesmo interesse, que lhe despertou no palco, embora não tenha agora a amparal-a, a intelligente direcção artistica de Eduardo Souza e o valioso concurso de alguns dos seus collegas. Em todo caso, estamos certos que todo aquelle, a quem fôr offerecido um destes opusculos, acceital-o-á com prazer e quiçá agradecido, não pela insignificante aquisição que vai fazer, mas, sim, por ter occasião de dar, indirectamente, um óbolo á abençoada Empreza, que pretende dentro de curto praso e á troco apenas de gratidão, abastecer d'agua potavel, o mais querido e o mais procurado sitio da nossa pittoresca ilha.

MARANHÃO, 18 DE DEZEMBRO DE 1899.

AMERICO AZEVEDO.

IGNACIO CUNHA.



**OS MILAGRES**

~DE~

**SÃO JOSÉ DE RIBA-MAR**



NB.—Os direitos de auctor são reservados.

# Personagens



ROMÃO.

ANTHERO.

MANESINHO.

MALAQUIAS

ANDRÉ

THOMÉ

*Vendedores de jornaes.*

UM SOLDADO.

UM CEARENSE.

O POMADA.

GERTRUDES, *mulher de Anthero e irmã de*

LUIZA.

MARIA.

VENDEDORES DE JORNAES, JOGADORES E ROMEIROS DA FESTA DE S. JOSÉ

*A acção passa-se no Maranhão*

ACTUALIDADE.

## NOTA NECESSARIA

O typo de Romão deve ser o de um homem branco, casca grossa, barba inculta e physionomia carregada. Trará chapéo de Braga, desabado, e uma valente boçala, com que vive a ameaçar constantemente a pobre Maria, sua mulher. Esta, que é uma triste alcijada, deve ser mulata clara, de physionomia sympathica e insinuante, apesar dos grandes desgostos que lhe transparecem no rosto. Trajará miseravelmente e andarás quasi de cocaras, levando as mãos ao chão, para dar impulso ao corpo.

Não merecem menção especial os outros personagens.

# Os milagres de S. José de Riba-mar



## ACTO PRIMEIRO

*A scena representa uma praça publica. No primeiro plano, á esquerda, vê-se um muro que serve de frente a um cortiço, e defronte uma casa de modesta apparencia, cuja porta deve estar illuminada, pela luz que vem do interior. A vozeria dentro, dominada por uma voz cantada, que diz os numeros do quino, indica tratar-se de uma casa de jogo. Sobre um marco de pedra, um soldado ronca a valer. São dez horas da noite.*

### SCENA I

#### UM GRUPO DE JOGADORES E O SOLDADO

OS JOGADORES, *entrando mysteriosamente da E. A. e dirigindo-se ao proscenio.*

#### Côro em surdina

Como o jogo, o que é que existe  
Neste mundo ?  
Torna alegre o que está triste,  
Faz d'immundo  
Vagabundo  
Grão senhor !  
Nesta vida, quem mais brilha ?  
Quem tem sorte ?  
Quem mais prata e cobre empilha,  
Do que o forte,  
Do que o forte,  
Jogador ?

*Dirigindo-se uns aos outros.*

Por isso, agora,  
Sem mais demora,  
Sem mais parar,  
Vamos jogar !  
Vamos jogar !

SOLDADO, *espreguiçando-se*.—Irira ! Aqui não se pode estar socegado. Esta gente não se lembra que a noite fez-se para dormir.

OS JOGADORES, *cantando, com mais mysterio e com o mesmo jojo acima*,

Falla um soldado;  
Haja cuidado;  
Sem mais tardar,  
Toca a safar !  
Toca a safar !

O SOLDADO *começa de novo a roncar e os jogadores entram para a casa de jojo*,

## SCENA II

### O SOLDADO E MANESINHO

MANESINHO, *entrando. Vem todo de branco, flor ao peito, chapèo no alto da cabeça e violão em punho*.—Creio que o velho São João já bateu as dez. (*Approximando-se do outro*.) Vamos á serenata, antes que a bella durma. (*O soldado ronca com mais força*.) Livra ! que aquelle typo ronca como um porco ! Que diabo ! não esperava ter, hoje, este acompanhamento de contra-baixo. (*Acercando-se do soldado*.) E é um soldado, um soldado de policia !... Tanto melhor, enquanto a policia dorme, a gente está em socego. Não que eu tenha medo d'elles, porque um cabra como eu, capoeira de quatro estados, não foge dos botões amarellos ! (*Afinando o violão*.) Vamos á nossa modinha ! (*Abre o queixo, cantando com muita affectação e reviramento de olhos*.)

Acorda, querida  
Do meu coração,  
Vem dar inda vida  
A' minha paixão.

O SOLDADO, *espreguiçando-se*.—Amh !... amh !...  
MANESINHO.—

A lua serena,  
De meigo brilhar,  
De manso, morena.  
Te quer acordar.

O SOLDADO, *contrariado*.—Irira ! que quer dizer isto ?  
MANESINHO, *sem se incommodar*.—Espere lá ! não me atrapalhe !

Desperta que é cedo,  
Pois teu bello sonho,

SOLDADO.—Mas, que diabo quer isto dizer ?  
MANESINHO.—Espere lá, não me atrapalhe.

Eu quero, risonho,  
Contar-t'ò em segredo.

SOLDADO.—Eu não admitto mais abusos. Diga-me o que quer dizer isto, esta gritalhada ?

MANESINHO.—Pois não está vendo ? E' uma modinha. Canto á porta de minha bella.

SOLDADO.—Deixe isso para de dia. A noite fez-se para dormir.

MANESINHO.—Qual para dormir ! A noite fez-se para se amar.

SOLDADO.—Mas, não no meio da rua, incommodando a quem está socogado. Quem quizer amar por meio de cantigas, recolha-se á casa.

MANESINHO.—Oh ! você está muito exigente !

SOLDADO.—Exigente, não; eu estou cumprindo com a minha obrigação.

MANESINHO.—Tome lá um charuto.

SOLDADO.—Obrigado. Pois é isto, eu não sou exigente, fecho os olhos até muitas vezes...

MANESINHO, *com malicia*.—Não é preciso você dizer-me que fecha muitas vezes os olhos; pois, ha pouco, ainda o vi dormindo.

SOLDADO.—Você bem que me entende. O individuo não sendo *abusado*, faz de mim o que quer. (*Adocicando a voz.*) Você não tem por ali tambem um nickelsinho ?

MANESINHO, *á parte*.—Que filante ! (*Alto.*) Tome lá.

SOLDADO.—Obrigado. Pois é isto, eu não sou exigente; não me importo mesmo que cantem, com tanto que seja de vagar, sem fazer barulho. Aquella sua modinha—para que eu hei de mentir ?—estava até bonita !

MANESINHO, *á parte*.—Que patife ! (*Alto.*) Então, achou bonita a minha modinha ?

SOLDADO.—Achei !... achei !...

MANESINHO.—E você nunca cantou ?

SOLDADO.—Nunca !

MANESINHO.—E nunca gostou de uma pequena ?

SOLDADO.—Disso gostei, mas...

MANESINHO.—Mas, o que ?

SOLDADO.—Mas fui tão infeliz, que hoje não quero saber mais de mulheres.

MANESINHO.—Qual ! eu não acredito !

SOLDADO.—Imagine que a serigaita, com quem me casei, me abandonou por uma coisa muito simples.

MANESINHO.—Para viver com outro, não é verdade ?

SOLDADO.—Sim; mas, imagine porque motivo ?

MANESINHO.—Para uma mulher ha sempre tantos motivos !...

SOLDADO.—Pois saiba que ella me abandonou, porque eu dormia muito.

MANESINHO, *vindo-se*.—Ah ! ah ! ah !... Realmente, a sua mulher era uma mulher muito acordada ! E essas assim são perigosas ! Você devia ter aberto bem os olhos antes de casar... mas, vamos lá ! não se pode negar que ella, ás vezes, havia de ter as suas razões, porque você, seu dorminhoco... (*Vendo que o soldado está dormindo.*) Ora esta ! Pois o homem não está dormindo em pé !... Camarada ?... ó camarada ?

SOLDADO, *acordando espantado*.—Hein ? hein ?... O que é ?

MANESINHO.—Que é isso ? Está dormindo ?

SOLDADO.—E' verdade, já estava cochilando. Grande coisa exquesita, nunca falo naquella serigaita, que não fique logo com somno.

MANESINHO.—Deve sentir tambem um peso na cabeça !... Eu sei o que são essas coisas.

SOLDADO.—Com licença, vou aproveitar um bocadinho. (*Retira-se para o fundo*.)

MANESINHO.—A Luiza estará dormindo ? (*Canta ao violão.*)

Acorda querida,  
Do meu coração  
Vem dar inda vida  
A' minha paixão.

## SCENA III

### MANESINHO E LUIZA

LUIZA, *apparendo á porta do cortiço*.—Sei Manesinho ?

MANESINHO.—Oh ! demoraste hoje muito !

LUIZA, *descendo*.—Você está aqui sosinho ?

MANESINHO.—Só. Não estás vendo ?

LUIZA.—Com quem você estava conversando ?

MANESINHO.—Ah ! estavas ouvindo ?

LUIZA.—Estava, sim; mas ouvia mal. Quem estava aqui com você ?

MANESINHO.—Ora, quem havia de ser ? Uma rapariga bonita !

LUIZA.—Bonita, com aquella voz ?

MANESINHO.—E' porque estava ronca.

LUIZA, *como quem vae sahir*.—Então, vá conversar com ella, que eu vou-me embora.

MANESINHO.—Vem cá, cabocla, não sejas tóla. (*Apointando para o soldado.*) Olha quem era a rapariga bonita !

LUIZA.—Quem ? aquelle soldado ?

MANESINHO.—E então ?

LUIZA.—Dormindo, como elle está ?

MANESINHO.—Ah ! aquillo é assim mesmo ! O homem dorme que é um damnado ! Parece que não nasceu para outra coisa !

LUIZA.—Ora, seu Manesinho, você não é melhor do que os outros. Pensa que eu duvido que você estivesse aqui com uma mulher !

MANESINHO.—Se soubesse, não tinha brincado contigo. Ficaste logo de beicinho. Deixa desmanchar esse beicinho. (*Lera-lhe um dedo á bocca*.)

LUIZA.—Não me bula !

MANESINHO.—Estás zangada commigo ?

LUIZA.—Pudera !

MANESINHO.—Então, até logo. (*Vae a sahir*.)

LUIZA.—Seu Manesinho ?

MANESINHO, *voltando-se*.—Que manda ?

LUIZA.—Venha cá.

MANESINHO, *aproximando-se, cheio de requiebrs*.—Para que, minha candonga ?

LUIZA, *rindo-se*.—Você sempre é muito sem vergonha ! Venha cá !

MANESINHO, *abraçando-a*.—Bravos ! bravos ! já não estás zangada !

LUIZA, *afastando-se*.—Cuidado ! Olhe alli o soldado.

MANESINHO.—Pensei que fôsse outra coisa. (*Torna a abraçat-a*.)

## Duetto

MANESINHO.

**Bis** ( Por qualquer coisa, ó minha bella,  
( Surge-te logo o mau humor.

LUIZA.

Não seja assim tão tagarella,  
Não queira ser tão fallador,  
Pois aqui dentro...

MANESINHO.

Pois ahi dentro ?

LUIZA.

Ha muito amor !

OS DOIS.

Ha muito amor !

MANESINHO.

**Bis** ( Eu não duvido ser amado,  
( Mas sempre tens um geniosinho !...

LUIZA.

Não me enganando e comportado,  
Ha de ter sempre o meu carinho.  
Pois do amor...

MANESINHO.

Pois do amor ?

LUIZA, *levando a mão ao coração.*

Eis o seu ninho !

OS DOIS.

Eis o seu ninho !

## SCENA IV

### OS MESMOS E GERTRUDES

GERTRUDES, *sahindo do cortiço.*—Vocês são imprudentes. Não vá *seu* Anthero chegar por ahi, e enconral-os conversando a esta hora da noite. Só parece que não sabem como elle é !

MANESINHO.—E o que tinha que elle nos encontrasse ? Eu sei que seu querido marido tem mau genio, mas commigo não se metta ! Não ha filho do Rio que não entenda um pouco de capoeiragem.

GERTRUDES.—Uma briga é justamente o que eu quero evitar.

LUIZA.—E porque motivo ha de haver briga ? E' o primeiro homem que gosta de uma mulher ?

MANESINHO.—E se eu gostasse da Luizinha para matar o tempo, vá ! *(A Gertrudes).* Mas a senhora bem sabe que pretendo levar sua irmã á presenca do juiz dos casamentos.

GERTRUDES.—Eu sei disso perfeitamente.

LUIZA.—E Deus permitta que já chegue esse dia !

MANESINHO.—Não ha de passar deste anno. Felizmente já tenho o meu cobresinho junto na Caixa Economica.

GERTRUDES.—Oh ! gentes ! Eu não falei por mal, foi apenas para evitar questões.

LUIZA.—E quem diz o contrario ? A mana tem até razão em evitar o máo genio de seu marido, pois um homem que não ha uma só noite que...

GERTRUDES, *em tom reprehensivo*.—O' Luiza, o que é isso ?

MANESINHO.—A senhora não quer que ella diga o que todo mundo sabe ? Então, pensa que ha ali nesse cortiço quem não oiça as bordoadas que lhe dá o Anthero ?

GERTRUDES.—Ah ! mas é só quando está tocado.

MANESINHO.—É qual é a noite em que elle não vem tocado ?

GERTRUDES.—Ha muitas, e se não fosse o maldicto vinho, o Anthero era homem para não bulir com uma mosca.

LUIZA.—Agora, isso é verdade.

MANESINHO.—Mas, infelizmente, o grogue tem para elle tal attracção !...

GERTRUDES.—Ora, ha peiores !

LUIZA.—Isso tambem é verdade.

GERTRUDES.—E não é preciso ir muito longe. Ah! está o Romão.

MANESINHO.—Ah ! esse é um monstro. Já devia estar na cadeia ha nuito tempo.

LUIZA.—Nem ha comparação entre o Romão e *seu* Anthero. *(A Gertrudes)* A aleijadinha que mora junto ao nosso quarto, é muito mais infeliz do que tu.

GERTRUDES.—Ao menos nunca me falta o sustento e tenho saude para trabalhar.

LUIZA.—E a aleijadinha anda tão doente ! Triste d'ella se não lhe dessemos, escondido, o que nos sobra da mesa.

MANESINHO.—Com que então o marido se esquece de lhe dar comida, mas não se esquece de tirar-lhe os vintezinhos das esmolas ? !... Aquelle não ha de acabar bem. Só se um dia não lhe puder dar uma cabeçada ! *(Nota tom)* Mas, mudemos de conversa, e vamos ao que serve:—Vão ou não vão a São José de Ribamar ?

LUIZA.—Eu, por mim, não sei, apesar de ter muita vontade de ir até lá pagar uma promessa.

GERTRUDES.—Eu vou ver se *seu* Anthero quer ir. Tenho tanta vontade de pedir uma coisa ao santo !...

MANESINHO.—Ah ! tem as suas promessas e ainda estão em duvida ?

LUIZA.—Sabe que eu não me governo.

GERTRUDES.—Nem ignora que é preciso apanhar o Anthero de maré.

MANESINHO.—Por isso, não seja, elle ha de ir connosco. São José ha de obrigar-o a acompanhar-nos. Aquillo é santo com quem não se brinca.

GERTRUDES.—E' exacto.

LUIZA.—E' muito certo !

MANESINHO.—Ora, oiçam esta historia. De uma feita, um typo tal e qual... *(A Gertrudes)* seu marido, assim fallador como elle, estava a escarner numa taverna dos milagres do Santo...

GERTRUDES.—Isso é só quando elle está tocado !...

MANESINHO.—Oiça a historia !... A chamar o santo de bonco de pau, feiticeiro, e não sei que mais, quando... Sabem o que aconteceu ?

LUIZA E GERTRUDES.—Não.

MANESINHO.—Quando nessa mesma hora, começou o tal typo a ficar com o corpo mofino, a sentir-se mal, zóadas na cabeça, a lingua presa... *(Notem bem que elle ainda não tinha bebido !)* e ficou de tal forma incommodado, que... Sabem o que aconteceu ?

LUIZA E GERTRUDES.—Não !

MANESINHO.—Que foi d'ahi mesmo para casa, carregado. Remedio sobre remedio, e o homem cada vez mais doente, mais bambo !... Mandaram chamar medico, e nada de acertarem com a casa de um medico... Depois vem um medico, e nada de acertar com a cura... Um horror !... E sabem o que aconteceu ?

LUIZA E GERTRUDES.—Não !

MANESINHO.—O pobre diabo agarrou-se a São José, promettendo levar-lhe descalço e a pé, uma vela deste tamanho, e... Sabem o que aconteceu ?

LUIZA E GERTRUDES.—Não !

MANESINHO.—Pois elle foi e voltou bom e forte, como o vêem aqui.

GERTRUDES.—Aqui ? !

LUIZA.—Aqui, onde ?

MANESINHO, *balendo no peito*.—Aqui !

GERTRUDES.—Pois foi você ?

MANESINHO.—E então ?

LUIZA.—Você ainda não me tinha contado isso.

MANESINHO.—Para que, se o santo não gosta que se lhe conte os milagres ? Vamos no sabbado, é o que é. Vae muita gente, dizem que a romaria ha de ser importante.

*Ouve-se barulho fóra.*

LUIZA.—Chi ! Que algazarra será aquella que vem d'aquelle lado ?

GERTRUDES.—O que será ?

MANESINHO.—Ha de ser o grupo de vendedores de jornaes, que vem para o jogo. Hoje não ha creança que não tenha vicio. O de fôfas já fuma, o de calças curtas já joga, e o de calças compridas, esse já faz tudo !

## SCENA V

### OS MESMOS E MALAQUIAS

*que vem á frente de um grupo de rapaziños. Todos trazem jornaes debaixo do braço. Entram da E. F. ao som de uma marcha e dirigem-se ao proscenio.*

MALAQUIAS. (

#### Coplas

**Bis**

Nós somos os vendedores  
Das gazetas cá da terra,  
«Eis os jornaes, meus senhores !»  
Grita este e aquelle berra !  
«O Federalista !»  
«Regeneração !»  
Vamos nós á pista  
De mais um tostão !

#### Côro dos rapaziños.

«O Federalista !»  
«Regeneração !»  
Etc.

SOLDADO, *esprechitando-se.*—Umh ! umh !... *(Sentando-se, ainda meio a dormir).* Que quer dizer isto ?

MALAQUIAS.

**Bis** } Notícias sempre na ponta  
D'aquí, d'alli, d'acolá,  
E telegrammas, sem conta,  
Do extremo sul ao Pará.  
E neste fadario  
Cada qual mais pillha  
Quer venda o Diário,  
Quer a Pacotilha !

### **Côro dos rapazinhos.**

E neste fadario  
Cada qual mais pillha  
Etc

SOLDADO.—Que quer dizer isto ? A noite fez-se para dormir.

MALAQUIAS, *gritando.*—Ao quino, rapaziada ! ao quino ! Não acordemos os que dormem !

O GRUPO.—Ao quino ! *(Sáem todos ao som da marcha da entrada.)*

SOLDADO.—Pobre de quem é soldado de policia. Nem tempo tem para dormir ! *(Começa a cochilar em pé.)*

## **SCENA VI**

### **MANESINHO, LUIZA, GERTRUDES E O SOLDADO**

MANESINHÔ, *a Gertrudes e Luiza.*—Ora, vocês não querem saber de uma coisa ? Esta criaçãda abriu-me o appetite para perder uns nickeis alli ao quino.

LUIZA.—Olhe quem estava fallando ainda ha pouco de vicios !...

MANESINHÔ.—Mas eu não sou creança, e o quino, vamos lá ! não é jogo que deite ninguem a perder.

GERTRUDES, *a Luiza.*—Deixa-o ir, é melhor. Vê que *seu* Anthero já não pode demorar.

MANESINHÔ.—Oh ! a senhora é teimosa com esse *seu* Anthero ! Por ventura será elle algum papão ? ou serei eu por acaso algum pamonha, que tenha medo de caretas ? Vocês não conhecem cá o dégas ! Quando é preciso, saco o paletot, atiro o chapéo para um canto e, aguentem o corpo, que ahí vae rasteira !... *(Faz uns passos de capoeiragem, atirando sem querer o soldado ao chão.)*

LUIZA.—Que é isso, *seu* Manesinho ?

GERTRUDES.—Olhe o que você já fez !

SOLDADO, *levantando-se, de sabre desembainhado.*—Que quer dizer isto ?

MANESINHÔ.—Desculpe, camarada, eu não sabia que você estava atraz de mim.

SOLDADO.—E' a decima vez que me acordam. Hoje não ha meio de dormir socegado ! *(Afasta-se.)*

GERTRUDES, *a Manesinho*.—Mas, porque razão não vae elle procurar a rede ?

MANESINHO.—Que ingenuidade ! Não vê que elle está de ronda ? e que tem obrigação de ver tudo o que se passa aqui na rua ?

LUIZA.—Tudo o que se passa ? !...

MANESINHO.—Está visto.

LUIZA, *confidencialmente, a Manesinho*.—Ih !... Jesus ! Sabe Deus se elle não vio você abraçar-me !

MANESINHO.—Só se foi em sonhos !

LUIZA.—Você mesmo não disse que ?...

MANESINHO.—Disse sim, mas elle é que não sabe cumprir com o seu dever. Queres ver uma coisa ?—Camarada ? ó camarada ?

GERTRUDES.—Parece que já está dormindo.

MANESINHO.—Parece é uma historia, e está é outra. (*A Luiza!*) Que foi que eu te disse ? (*Noutro tom.*) Bem, já vou me chégando. Amanhã muito cedo venho saber da viagem a São José, para poder dar as providencias.

GERTRUDES.—Appareça.

LUIZA.—Vá direitinho para casa.

MANESINHO.—E' já. Vou só um bocadinho alli defronte.

LUIZA.—Oiga o que lhe digo. Vá direitinho para casa e deixe-se de quinos.

GERTRUDES.—Elle mesmo que vae atraz dos teus conselhos !

MANESINHO.—Não me demoro, meu bem. Vou apenas jogar uma corda.

LUIZA.—Você parece que não tem pena do seu dinheiro.

MANESINHO.—Tambem posso ganhar. Em todo caso, se perder, ainda ha de ficar para o almoço de amanhã. Boa noite. (*Entra na casa de jogo!*)

AS DUAS.—Boa noite !

## SCENA VII

### LUIZA, GERTRUDES, ROMAO E ANTHERO

GERTRUDES —O' Luiza ?

LUIZA.—Hein ?

GERTRUDES.—Elle já marcou o dia do casamento ?

LUIZA.—Ainda não marcou o dia, mas já me garantiu que ha de ser no fim do anno.

GERTRUDES.—E ainda não lhe descobriste nenhum defeito ?

LUIZA.—Por enquanto, não.

GERTRUDES.—Isto é sempre assim no principio, mas depois do casamento !...

ROMÃO, *fóra, aos berros*.—Arrasta-te, peste, que já estamos perto.

ANTHERO, *fóra, com a voz arrastada dos ebrios*.—Olha que isso já é de mais !... Eu não sou homem de lamurias e tenho o coração um pouco duro, mas assim, não... já é de mais !...

GERTRUDES.—São elles ! E o Anthero, ai meu Deus, parece que vem tocado !

LUIZA.—Vamos para dentro. (*Sáem.*)

## SABITA VITTA

### ROMÃO, ANTHERO, MARIA E O SOLDADO

ROMÃO, *entrando*.—Avia-te ! vamos !

MARIA, *arrastando-se de joelhos. Cobre-se de farrapos e o seu todo inspira profunda compaixão. Erguendo os olhos supplices*.—Já não posso arrastar-me ! Dóem-me muito as mãos.

ROMÃO, *dando-lhe um ponta-pé, que a faz rolar*.—Deixa ajudar-te.

ANTHERO, *fazendo um graule x, para approximar-se de Romão*.—Que é isso, ó Romão ?

ROMÃO.—Achas, então, que hei de dar-lhe o braço, para ajudal-a a andar, como fazem os namorados ?... Achas ?... Pois ella que se levante ! Quem a mandou flear doente ? Quem a mandou arrastar-se pelo chão, como fazem as cobras e as gíãs ? Aos animaes dessa especie, bate-se-lhes com os pés, e é o que estou fazendo !

ANTHERO.—Deixa-te disso !

ROMÃO.—Olha quem falla—tu ! *(Rindo-se)*. Ah ! ah !... ah ! ah ! ah ! Só esta me faria rir !... Tu, que não perdes a occasião de desanear a tua mulher !

ANTHERO.—Ah ! mas a minha é forte, tem saúde, e alem disso...

ROMÃO.—Alem disso, o que ?

ANTHERO.—Eu só lhe dou, quando estou embriagado.

ROMÃO.—Que boa desculpa ! *(Começa a assobiar, em ar de troça)*.

ANTHERO.—E um homem embriagado, como não ignoras, é quasi tão fraco como uma mulher. A minha, quando me pilba mais cahido, aproveita a crise, e não deixa tambem de me applicar os seus moquetes !... Mas, aquella ?... *(Apointando para Maria)*. Só o seu estado faz pena. Vê como ella chora !

ROMÃO, *em ar de mofa*.—Chora ? E' porque ainda está engatinhando. Faz como as creanças de oito mezes, quando são manhosas. Quer talvez que eu a ponha ao collo. Ah ! ah ! ah !... Faze tu esse serviço, que tens mais jeito para ama secca. *(Com rispidez, a Maria)*. Nada de choradeiras ! Cala-se ou não se cala ?

MARIA, *transida de medo*.—Perdão, perdão, eu já me calo.

SOLDADO, *espreguiçando-se*.—Amh ! amh ! amh !... amh ! amh ! amh !...

ROMÃO.—E é já ! Porque a ajudei a andar mais depressa, com o auxilio do meu pé, o que não foi pequeno favor. põe-se a chorar como uma Maria Magdalena ! Gaba-te de ainda não te ter lançado á praia, como se faz ás coisas inuteis. O que não presta, atira-se fóra, e eu se ainda te aturo, é porque ainda podes tirar esmolos. Vamos lá ! passa para cá a sacola, pois preciso hoje de bastante dinheiro. *(Maria começa a desamarrar um saquinho velho, que traz preso ao braço)*. Vamos ! Depressa ! Se esse sacco não contiver a importancia, que eu deesejo, faço-te dançar ao toque deste cacete.

ANTHERO.—Pois lhe vais tirar todo o dinheiro ?

ROMÃO, *rindo-se*.—Ah ! ah ! ah !... O' Anthero, chega-te para cá, deixa-me ver bem de frente a tua cara, para descobrir o que tens ! *(Depois de miral-o)*. Nada ! Não estás nem mais. nem menos hebedo do que hontem !

ANTHERO.—Eu bebo vinho, é verdade, mas tu, tu és capaz de beber sangue !



. Romão, ameaçando Maria.



ROMÃO.—Está uma coisa de que não duvido. (A *Maria*). Que é do sacco? (*Toma-o arrebatadamente*). O Anthero, queres então que eu lhe deixo dinheiro? Para que? Para que querem os vermes dinheiro? Para vestir? Não precisam! Para alimentar-se? Bastam-lhes as podridões. A esta, faço muito em lhe conservar os molambos no corpo, por amor á decencia e á policia, e em lhe dar dois pães por dia e agua á descripção. Nos dias de festa, então faço mais, don-lhe musica de paucadaria! Que mais pode ella querer? (*Começa a contar o dinheiro*).

ANTHERO.—Lá a paucada, ainda vá! mas a comida!... dar-lhe apenas dois pães.

ROMÃO.—As gallinhas estão caras, e o vinho é pouco para ti e para outros da nossa força!

ANTHERO.—Pobre mulher!

ROMÃO.—Não me interrompas com as tuas pieguices. (*Contando o dinheiro*). Trez, quatro, cinco, seis... Mão!... mão!... mão!... Faltam dons mil réis! Era de oito mil réis que eu precisava! Não te disse que se não me desses o dinheiro todo, havias de dangar! Pois vae começar a pandega! (*Arma o cacete*).

MARIA, *gritando*.—Perdão! perdão!

ANTHERO, *indo ao soccorro de Maria*.—Que é isso, Romão?

ROMÃO, *esbravejando*.—Deixa-me dar nesta vibora.

SOLDADO.—Mas que quer dizer isto?

ANTHERO, *baixo a Romão*.—Olha um soldado!

SOLDADO.—Mas que diabo de abuso é este?

ANTHERO.—Não é nada camarada... era cá o companheiro...

ROMÃO.—Sim, era eu que estava a soccorrer esta pobre mulher-sinha, que soffre de reumatismo.

SOLDADO.—A noite fez-se para dormir, e os senhores não podem estar aqui gritando.

ANTHERO.—Tem razão, camarada.

ROMÃO, *baixo, a Maria*.—Foi o que te valeu.

SOLDADO.—*Se arretirem, se arretirem* que é melhor. Eu não posso consentir em grupo de mais de uma pessoa.

ANTHERO.—Vamos, ó Romão.

ROMÃO.—Vamos! (*A Maria, em voz baixa*). Espera, para pedires esmola aos que fôrem sabindo, e aí de ti, se não me arranjares até logo mais, os dois mil réis. (*Entram para a casa de jogo*).

SOLDADO.—Ora, que vida esta. Quando vae se pegando no somno, põe-se uma mulher a dar gritos. Vou para aquelle lado, que é melhor. (*Vendo Maria*). Mas que quer dizer isto? a senhora não se arretira?

MARIA.—Não posso!

SOLDADO.—Qual, não pode! Vamos! pouha-se em pé.

MARIA.—Ai, *seu* soldado, eu sou uma pobre paralytica, que não me posso pôr em pé.

SOLDADO.—O que?! A senhora não se pode por em pé? Pois é muito mais feliz do que eu, que não posso ficar deitado. (*Suspirando com grande sentimento*). Ai, quem dera que me deixassem ficar sempre estirado! (*Mudando de tom*). Está bem, conserve-se mesmo ahí, e nada de fazer barulho. Lembre-se que a noite fez-se para dormir. (*Afasta-se*).

MARIA, *soluçando*.—Ai, senhor meu Deus, quanto sou infeliz!

## SCENA IX

### LUIZA, GERTRUDES, MARIA E O SOLDADO

LUIZA, *sahindo, com cuidado*.—Vem cá, já entraram.

GERTRUDES, *sahindo com a mesma cautela*.—Pobre mulher !

LUIZA, *acercando-se de Maria*.—Não chore, amiguinha, vamos para casa. E' impossivel que este sereno não lhe faça mal.

MARIA.—Não posso ir para casa !

GERTRUDES.—Compreendo, está cançada bastante e não pode arrastar-se.

LUIZA.—Nós lhe ajudamos.

MARIA.—Não é isso, ainda tenho que ficar aqui.

LUIZA.—Para que ?

MARIA.—O Romão quer que eu peça esmola aos jogadores, que fôrem sahindo, e lhe dê hoje mesmo dous mil réis. (*Chorando*). Ai de mim, se não conseguir esse dinheiro !

GERTRUDES.—Peça a Nossa Senhora que lhe valha.

MARIA.—Já pedi ao Senhor São José de Riba-mar, que é o santo de minha devoção.

## SCENA X

### OS MESMOS E MALAQUIAS

MALAQUIAS, *sahindo muito apressado da casa de jogo*.—Apre ! sempre apanhei o que queria ! (*Contando um masso de dinheiro*). Custou, mas afinal de contas, chegou a minha vez de quinar. E a fallar a verdade, o bolinho não é pequeno—dezoito mil e quinhentos.

LUIZA.—O' mocinho, desculpe a pergunta, mas... você ganhou tudo isso ?

GERTRUDES.—Dezoito mil e quinhentos ? !

MALAQUIAS.—Olópes ! E sem ter trabalho. Mais me custa vender jornaes, e apenas vejo uns magros tostões.

GERTRUDES.—E o que vae você—desculpe a pergunta !—o que vae você, tão pequeno, fazer de todo esse dinheiro ?

LUIZA.—Ora, o que ha de ser ? Comprar doces e charutos, não é assim ?

MALAQUIAS.—Nada disso. Vou pagar uma promessa depois de amanhã, a São José de Riba-Mar. Agora, o que sobrar, está claro que ha de ser p'ro brodio !... Mas, porque me fazem vocemecês esta pergunta ?

GERTRUDES.—Porque o menino, se quizesse podia dar uma esmola de dois mil réis, alli á aleijadinha.

MALAQUIAS.—Logo dous mil réis ? !

LUIZA.—Se soubesse o quanto ella precisa dessa quantia !

GERTRUDES.—Era um acto de caridade, que praticava !

MALAQUIAS.—E' boa ! E porque vocemecês não o praticam ?

GERTRUDES.—Porque não podemos. Ainda se ella podesse esperar até amanhã !...

MALAQUIAS.—E o que fez ella das esmolas que tirou durante o dia ?

LUIZA.—O marido tomou-lhe tudo, e malvado como é, ameaçou-a de uma surra, se ella não lhe der até logo mais, essa importancia.

MALAQUIAS.—Ah ! já sei !... O marido é um cara de carrasco, de chapéu desabado que está lá dentro ?

GERTRUDES.—Justamente.

MALAQUIAS.—Ah ! já sei !... Agora me lembro de ter ouvido umas historias a respeito desse homem, que trata a mulher peor do que a um cachorro !...

LUIZA.—Pois, a mulher é aquella, coitadinha !

MALAQUIAS.—Prompto, aqui estão os dois mil réis. (*A Gertrudes e a Luiza, que vão segurar a celula*). Dou o dinheiro com bastante prazer, mas quero impor uma condicção.

LUIZA.—E qual é ella ?

GERTRUDES.—Que condicção é essa ?

MALAQUIAS.—Que ella vá a São José de Riba-mar depois de amanhã.

LUIZA.—Ella lá pôde ir ! Só se fôsse a carro, ou embarcada !

GERTRUDES, *em tom reprehensivo*.—Guarda o teu dinheiro e lembra-te sempre que não se brinca com os infortunios alheios.

MALAQUIAS.—Ah ! mas eu não estou brincando ! Fallo muito serio !

LUIZA.—Pois não está vendo que ella é toda aleijada ?

GERTRUDES.—E que, por não ter recursos, só poderia ir até lá se arrastando !

MALAQUIAS.—Para São José não ha impossiveis, e acreditem que não estou brincando. Sou uma creança, é verdade, mas tenho coração. Digam-me uma coisa—Nunca ouviram fallar no Malaquias ?

LUIZA E GERTRUDES.—No Malaquias ? !

MALAQUIAS.—No Malaquias, vendedor de jornaes ?...

LUIZA.—Parece-me que sim.

GERTRUDES.—Eu tambem tenho uma idéa !

MALAQUIAS.—No pequeno que se atirou ao mar, na praia do Cajú, para salvar a um outro pequeno, que não sabia nadar e que ia morrendo ?

LUIZA.—Ah ! já sei.

GERTRUDES.—Ah ! sim, é verdade !

MALAQUIAS.—Pois sou eu ! Essa historia andou em todos os jornaes.

GERTRUDES.—E' isso mesmo.

LUIZA.—Nós até ouvimos lèr.

MALAQUIAS.—Já vêem que não me divirto com os males alheios. E torno a dizer—allí a tiazinha deve ir até São José. Se ella quizer ter fé no santo, irá até lá, mesmo se arrastando, e vou jurar que se passar um pouco do oleo da lampada, nas pernas, (mas, bem entendido, lá na capella, bem de frente da imagem) ficará completamente boa !

LUIZA.—Qual ! seria um grande milagre !

GERTRUDES.—Só eu vendo !

MARIA, *com um prolongado suspiro*.—Ai, meu Deus !

GERTRUDES E LUIZA.—O que tem ? o que tem ?

MARIA.—E' o meu coração que pula aqui dentro ! mas pula de contente ! O nosso coração é como um sino—dobra e repica. O meu agora está repicando, porque está em festas. Sinto o que nunca senti na minha vida. Eu que mal me arrasto por essas ruas, carregando, sabe Deus como, o meu mizeravel corpo, eu, que não tinha até então coragem para coisa alguma e me julgava fraca para tudo; sinto-me de repente com bastante coragem e enèrgia, para ir até á capella do santo da minha devoção. As palavras dessa creança animaram-me de tal modo, que vou fazer a viagem até São José de Riba-mar.

MALAQUIAS.—Hein ? Que foi que eu lhes disse ? Basta só o nome do santo, para produzir milagres. Olhem como ella ficou contente. Tome tiasinha os dois mil réis e mais dez tostões para fazer o seu balaio. *[Dá-lhe dinheiro]*.

MARIA.—São José te valha, meu filho.

LUIZA.—E para estar lá no sabbado, a vizinha deve ir logo amanhã.

GERTRUDES.—E bem cedo. Mas é verdade, se ella mandasse buscar o oleo, não seria a mesma coisa ?

MALAQUIAS.—Nada ! é preciso que ella vá até lá. O santo é um bocadinho caprichoso. Lembrem-se d'aquella historia de elle não querer ficar na igreja da villa do Passo, para onde o levaram, e mudar-se, alta noite, acompanhado de muitos aijos e de muitas luzes, dessa igreja para a sua, em São José !

LUIZA.—E dizem que é d'ahi que vem o nome de villa do Passo !

MALAQUIAS.—E', sim... Ah! se eu lhes contasse todos os milagres que elle tem feito, depois d'isso, vocemecês até ficavam aborrecidas de me ouvir.

MARIA.—Não, não ficamos.

MALAQUIAS.—Pois bem, ahí vai :

Um velhinho, bem velhinho,  
Quasi sem poder andar,  
Tropeçando num caminho,  
A' um buraco foi parar.

*(Faz que tropeça).*

**Bis** | E quem o valeu ?  
| Quem o soccorreu ?  
| São José de Riba-mar !

LUIZA.—Ora, vocês estão vendo !

GERTRUDES.—Cahir num buraco, e ficar logo bom !

MALAQUIAS.—Oçam o resto :

Certo dia, um desalmado  
depois de um banho tomar,  
Sabiu p'ro tempo, coitado,  
E apanhou um ramo d'ar.

*(Faz-se todo torto).*

**Bis** | E quem o valeu ?  
| Quem o soccorreu ?  
| São José de Riba-mar !

LUIZA.—Sim, senhor !

GERTRUDES.—E mesmo para se ficar admirada !

SOLDADO, *esprequeitando-se*.—Auh ! auh ! auh !

MALAQUIAS.—Ainda temos mais.

Uma moça irresoluta,  
Não quiz o santo beijar,  
Mas, comendo certa fructa,  
Poz-se a tufar... a tufar!

*(Imita uma pessoa a inchar).*

**Bis** | E quem a valeu ?  
          | Quem a socorreu ?  
          | São José de Riba-mar !

SOLDADO.—Mas que diabo quer dizer isto ? Não admitto mais cantorias na rua !

MALAQUIAS.—Está direito, camarada.

SOLDADO.—A noite fez-se para dormir.

MALAQUIAS.—Está direito, eu já me vou embora.

*(O soldado afasta-se resmungando).*

MALAQUIAS.—O soldado não quiz que eu continuasse. Também se eu lhes fósse contar todos os milagres do Senhor São José de Riba-mar, não acabava hoje. Boa noite.

GERTRUDES E LUIZA.—Boa noite.

MARIA.—Deus te dê muito boa noite, meu filho. *(Malaquias sai).*

GERTRUDES.—Vamos nós também dormir.

LUIZA, a Maria.—Vamos ?

MARIA.—Vamos ! *(São as tres. Maria amparada pelas duas irmãs.)*

## SCENA ULTIMA

ROMÃO, ANTHERO, MANESINHO, GRUPO DE VENDEDORES DE JORNAES, JOGADORES E O SOLDADO.

*(Mal a scena fica deserta, ouve-se grande barulho, sahindo precipitadamente da casa de jogo os personagens acima apontados, com excepção do soldado).*

CORO.—Basta de correr !  
          Cesse a confusão !  
          Quer-se já saber  
          Quem foi o ladrão !

ROMÃO.           Quero já o meu dinheiro,  
                      Já e já !

MANESINHO.       Quero o meu também ligeiro  
                      Para cá !

ANTHERO.          Mas quem foi que o candieiro  
                      Apagou ?

ROMÃO.           Esse foi quem o dinheiro  
                      Apanhou !

CORO.             Sem mais discutir  
                      Haja logo rôlo,  
                      P'ra se descobrir  
                      Quem nos fez de tôlo !

*(Encaminham-se todos para fóra e desaparecem!).*

MANESINHO, *voltando-se.*—Ah ! elle é isso ? Vou já dar duas cabeçadas. *(Enfia o paletot e o chapeo n'uma estaca, que está junto ao muro, e súa a correr!).*

SOLDADO, *esfregando os olhos.*—Isto tambem é de mais. A noite fez-se para dormir. *(Arvançando sobre o paletot de Manesinho, cuja manga agarra com toda força!).* Por uns pagam os outros—Está preso !

*(Forte na orchestra e*

**Cae o panno.**



## ACTO SEGUNDO

*(A scena passa-se num bosque, em Moropóia. Ao fundo, vê-se a estrada. Caboclos carregados de cofos, enfiados em um pau, que sustentam nos hombros, atravessam de vez emquando a scena, num passo certo e apressado. No primeiro plano, Manesinho, Anthero, Luiza e Gertrudes, atiram-se a um bom almoço, servido mesmo no chão!.*

### SCENA I

ANTHERO, MANESINHO, LUIZA E GERTRUDES.

MANESINHO, *cantando.*

Sempre a rir, nesta folia,  
Chegaremos breve lá.  
Toca a rir !... *(Rindo).* Ah ! ah ! ah ! ah !  
Viva a paz ! Viva a alegria !

TODOS, *batendo com as facas nos copos, pratos e garrafas.*

Ah ! ah ! ah !... Que patuscada !  
Ah ! ah ! ah !... Que diversão !  
Não nos falta agora nada,  
Nesta soberba funcção !

*(Em gargalhadas).*

Ah ! ah ! ah !... ah ! ah ! ah ! ah !...  
Ah ! ah ! ah !... ah ! ah ! ah ! ah !...  
Ah ! ah ! ah !... ah ! ah ! ah ! ah !...  
Ah ! ah ! ah !... ah ! ah ! ah ! ah !...

ANTHERO.—A' sua saude, *seu* Manesinho !

LUIZA.—A' mesma !

MANESINHO.—Obrigado, *meus* povo !

GERTRUDES.—Não beba tanto, *seu Anthero* !

ANTHERO.—Ainda não bebi duas garrafas, e já estás a inticar commigo!

GERTRUDES.—Se não ficasses depois exaltado, como sempre ficas !...

ANTHERO.—Isso é lá na cidade. Aqui ha muito fresco e o vinho não me sobe á cabeça !

GERTRUDES.—Fia-te na virgem e não corras.

ANTHERO.—Eu não me fio na virgem, (*balendo na garrafa*), mas li-me cá no virgem, que é muito fraco.

GERTRUDES.—Mas não é mais fraco do que a tua cabeça !

ANTHERO.—Já estou arrependido de te haver feito a vontade, trazendo-te a São José. Nem beber se pode á satisfação. E' verdade que eu vim por causa de *seu Manesinho*.

MANESINHO.—Eu tambem, se não fôsem vocês, não estava por aqui.

LUIZA, *riudo-se*.—Mas quem havia de dizer que vocês dous, tão bicudos sempre, haviam de ficar depois tão amigos !

MANESINHO.—E' porque ainda não nos tinhamos entendido. Sou hoje, porein, tão do peito de Anthero, que ha de ser elle o padrinho do meu primeiro filho

GERTRUDES.—Ainda você não está casado e já está pensando nos filhos !

LUIZA.—Este *seu Manesinho* tem bobagens !

ANTHERO.—O' Manesinho ? Se não fôsse aquelle rôlo da casa de jogo, em que você distribuiu cabeçadas, como quem distribue ponta-pés, talvez nunca chegássemos a este ponto ! A' sua saude, ó Manesinho ! (*Bebe*).

LUIZA.—A' mesma !

MANESINHO.—Obrigado, *meus povo* !

GERTRUDES, *em tom de censura*.—Oh ! Anthero !...

ANTHERO.—Lá vens tu com a impertinencia !...

MANESINHO, *a Anthero*.—Então, gostou de ver o serviço ?

ANTHERO.—Gostei, confesso que gostei. Você é um dunga !

MANESINHO.—Ah ! eu cá sou carioca da gemma e capoeira, que entende do officio. Duvido que haja alguém que eu não estire no chão, com uma rasteira. Sujeito a quem eu passar a perna, esse pode jurar que fica de papo para o ar

LUIZA.—Estou quasi não me casando mais com você. Se você um dia entende de me pôr de papo para o ar !...

MANESINHO.—Não tenhas medo, coração. que contigo não ha de ser assim.

GERTRUDES.—*Seu Manesinho*, o chapéo e o paletot, que fim levaram?

LUIZA.—Eile lá sabe.

MANESINHO.—Não sei ? Estavam com aquelle soldado que fazia ronda, e até por signal... (*Começa á rir*).

ANTHERO, LUIZA E GERTRUDES, *riudo*.—O que foi ? o que foi ?

MANESINHO.—Por signal que, quando vi o homem com o embrulho debaixo do braço, sem me lembrar que elle era um soldado, segurei-o pelo côs e gritei com toda a força dos meus pulmões:—Está preso !

ANTHERO, *riudo-se*.—Ah ! ah ! ah !... E' bóa, é !...

GERTRUDES.—E depois ?

MANESINHO.—Depois elle desfez-se em explicações e eu fui direitinho para casa, com o meu paletot e o meu chapéo.

LUIZA.—Sabe Deus se você foi para casa !

MANESINHO.—Para onde mais, eu havia de ir, meu bem ?

ANTHERO.—A' sua saude, *seu Manesinho ! (Bebe).*

LUIZA.—A' mesma ! E que Deus lhe dê juizo !

MANESINHO.—Obrigado, *meus povo !*

GERTRUDES.—Basta de vinho, *seu Anthero !*

ANTHERO.—Eu já nem te dou resposta. Daqui a pouco, sobe-me o calor á cabeça, e não te arrependas !...

MANESINHO, *levantando-se.*—Bem, bem, aqui não se admite discussão ! E para que a coisa não vá para diante, levantemo-nos da mesa... da mesa, é uma historia !... levantemo-nos do chão. Creio que já estamos todos comidos e bebidos.

LUIZA, *mostrando a garganta.*—Eu por mim, estou até aqui.

GERTRUDES, *com o mesmo jogo.*—Eu tambem estou até aqui. mas é de raiva !

ANTHERO.—Eu comido, estou, mas bebido ?... Ai, se as agoas de Moropoia fossem vinho !... bebia tudo !

LUIZA.—Gentes ! que lembrança !

MANESINHO.—Que estomago, digo eu !

GERTRUDES.—Oh ! *seu Anthero*, não diga tanta asneira !

ANTHERO.—Você diz que é asneira ? *(Armando um socco).* Pois me diga o que é isto ...

MANESINHO.—Olá! olá!... O que é isso, compadre Anthero ? Nada de barulhos e matinadas. Aqui deve reinar só a alegria e o prazer. *(A Luiza).* O' Luzia ? Vae buscar o meu violão, para cantar uma chula.

LUIZA.—E' já.

MANESINHO.—Vou cantar uma chula bahiana, muito requebrada, para acabar com este zum-zum. *(Imita o zumbido de um bezoiro).* Livra ! que vocês estão peiores que dois bezoiros !

ANTHERO.—Eu não fiz nada... lá a mulher !...

GERTRUDES.—Está vendo, *seu Manesinho ?*

MANESINHO.—Bem, está direito... é melhor não fallarem mais n'isso. Se começam a resmuçar outra vez, nunca mais chegaremos a um accordo. Prompto, o violão está afinado.

ANTHERO.—Eu tambem hoje hei de cantar. *(Dá um berro desafinado, procurando cantar qualquer cousa).*

GERTRUDES.—*Seu Manesinho* cante aquella modinha do *Papel queimado.*

LUIZA.—Ou aquella outra da *Moça namorada.*

MANESINHO.—Nada ! Vou cantar a «Mulata bahiana» que vocês ainda não conhecem.

ANTHERO.—Vamos lá a essa pimenta !

MANESINHO, *cantando.*

## Chula.

**Bis** { A mulatinha bahiana,  
Deshumana,  
E' bolicosa e faceira,  
Se ginga numa calçada,  
A gente só de damnada,  
Faz asneira !

Mulatinha bella  
Não pises no chão  
Acalca a chinella  
No n eu coração.

**Bis** } Quando na festa, catita,  
          } Bem bonita,  
De saia fina e rendada,  
Bamboleante e tremente,  
Um olhar atira á gente...  
          } Que facada !

Mulatinha bella  
Não pises no chão,  
Acalca a chinella  
No meu coração !

**Bis** } E se depois com meiguice,  
          } Faceirice,  
Diz a nós—«Venha yôyô,  
Venha connigo ao Bomfim».  
De gosto se fica assim  
          } Como estou !

Mulatinha bella  
Não pises no chão,  
Acalca a chinella  
No meu coração !

ANTHERO.—Bravos a mulatinha da terra do vatapá ! (*Accommoda-se para dormir*).

LUIZA.—Sabe Deus se você não está mesmo apaixonado por alguma bahiana !

GERTRUDES.—Elle mesmo que te vae dizer !

MANESINHO.—Quaes bahianas, nein meias bahianas ! O meu coração está todo dado a uma papa-arroz da terra dos camarões, que está aqui ao meu lado !

LUIZA.—Eu mesma estou acreditando !

MANESINHO.—Não acreditas então em teu negro ?

LUIZA.—Eu não !

GERTRUDES.—Faz ella muito bem ! Todos vocês são homsinhos, emquanto são noivos, mas depois ?... depois ficam como aquelle, (*designa Anthero*), que até deu para beber.

MANESINHO.—Pois eu hei de beber sempre, os ares pela minha Luizinha !

## SCENA II

### OS MESMOS, MALAQUIAS, ANDRE', THOME' E OS OUTROS RAPAZOLAS, QUE O ACOMPANHAM.

MALAQUIAS, *fôra*.—Viva São José de Riba-mar !

VOZES, *fôra*.—Vivou !

LUIZA.—Lá vem o Malaquias. Conheci logo a voz.

GERTRUDES.—Bem elle disse que tinha de pagar uma promessa.

MALAQUIAS, *capitaneando o grupo de pequenos*.—Viva São José de Riba-mar !

O GRUPO.—Vivou !

MALAQUIAS.—Viva *seu* João Luiz !

O GRUPO.—Vivou !

MALAQUIAS.—Viva *seu* Mané Zé Maia !

O GRUPO.—Vivou !

ANTHERO, *levantando-se*.—O' rapaziada ?... Vocês podem se gabar de me ter acordado !

MANESINHO.—Vocês estão alegres ! Assim é que eu gosto de ver uma mocidade sacudida !

MALAQUIAS.—Temos razão para estar contentes. Ouvimos agora mesmo de seu João Luiz, com quem estivemos a conversar, que a *santa causa* das aguas a São José, continua a ser bem recebida.

ANDRE'.—O mesmo dizia um velhote baixo que lá estava, a quem chamavam Moysés.

MALAQUIAS.—Pois esse velhote é que é o Maia. Chamam-n'o assim por causa do Moysés, da Escriptura, que tirou agua de um rochedo, com uma varinha magica.

LUIZA.—E esse homem tem tambem alguma varinha magica ?

MALAQUIAS.—Ora qual ! Não vê que isso de varinha é pilheria ? !... O cano hoje é que está na ponta. E o que posso garantir é que tanto elle como o tal João Luiz affirmam que uma empreza que lhes tem dado tanta agoa pela barba, não ha de cahir n'agoa, assim com duas razões.

ANDRE'.—Elles até pegam fogo, se os contradizem !

GERTRUDES.—Consta que tem vindo dinheiro de toda a parte.

ANDRE'.—Atè de Portugal !

THOME'.—O *magistral cofre* está quasi tão cheio como os reservatorios aqui de Moropoia, d'onde deve partir o encanamento.

MALAQUIAS.—E brevemente ninguem dirá que não vae a São José, por causa da falta d'agoa.

ANTHERO, *aproximando-se do grupo*.—O' pequeno ?

TODOS.—Hein ?

ANTHERO.—Eu fallo com aquelle que tem cara de apresentado.

TODOS.—Eu ?

ANTHERO.—Não ! E' com aquelle da camisa encarnada.

MALAQUIAS.—Commigo ?

ANTHERO.—Sim, tu mesmo.

MALAQUIAS.—O que é ?

ANTHERO.—Responde-me a isto:—Elles não vão...

MALAQUIAS.—Elles, quem ?

ANTHERO.—Os homens da encanação !... Elles não tencionam encanar tambem vinho, até ao arraial ?

MALAQUIAS.—Se o arraial fôsse de São Martinho, em lugar de ser de São José, não duvido !

ANTHERO.—Pois se elles fizessem isso, aqui está quem havia de pagar promessas todos os dias ! *(Afastando-se). Vou dormir uma somneca de baixo daquellas arvores, que me rende mais. (Sac cambalando).*

GERTRUDES.—Ainda bem que elle nos deixa em paz.

MANESINHO, *á rapaziada*.—Se vocês chegassem mais cedo, tinham almoçado connosco.

MALAQUIAS.—Trouxemos tambem balaio. A' boia, rapaziada !

TODOS.—A' boia !

MANESINHO.—Divirtam-se por ahí a comer, enquanto nós nos divertimos por aqui a jogar um burro.

*(Enquanto Malaquias e seus companheiros preparam-se para o almogo, no primeiro plano á D.: á E., Manesinho, Gertrudes e Luiza, sentam-se tambem para jogar o burro).*

MALAQUIAS.

**Bis** | Não ha nada, como a gente,  
Nesta bella Moropoa,  
Cravar as unhas e o dente  
N'uma appetitosa boia !  
E do Collares,  
Beber depois,  
Sem ter pezares  
Um trago ou dois !

CORO

E do Collares,  
Beber depois,  
Sem ter pezares,  
Um trago ou dois !

MALAQUIAS.

**Bis** | A's vezes, não por maldade,  
Come-se um prato bem cheio,  
E, se apparece a vontade  
Já se tem um certo enleio :  
Mas, se o Collares,  
Surge depois,  
Vão-se os esgares,  
N'um copo ou dois !

CORO

Mas se o Collares,  
Surge depois,  
Vão-se os esgares,  
N'um copo ou dois !

TODOS.—A' boia ! á boia ! *(Tiram de uma vesta, qualquer petisqueira, que comem com a mão)*

LUIZA.—Ora, que graça ! Esta cartada é minha !

MANESINHO.—Sua ?

LUIZA.—Minha, sim, que cobri a dama com o valete.

GERTRUDES.—E' isso mesmo, seu Manesinho.

MANESINHO.—Vá lá que seja !

MALAQUIAS, *rindo*.—Ah ! ah ! ah ! Que bella viagem !... Não resta duvida que tenho pandegado hoje bastante.

ANDRÉ E THOMÉ.—E nós tambem !

TODOS.—E nós ! e nós

MALAQUIAS, *rindo-se*.—Nada como aquella velha a brigar com o marido, por lhe ter machucado a barriga.

THOMÉ.—Oh que velha enjoada !

LUIZA.—A barriga ?

GERTRUDES.—Como foi, para acontecer isso ?

MALAQUIAS, *sempre rindo*.—Era uma promessa, uma barriga de cêra, sobre a qual o velhote deitou a careca, fazendo d'ella travesseiro.

TODOS.—Ah ! ah ! ah !... ah ! ah ! ah !

MALAQUIAS.—Ficou em pedacinhos !

ANDRÉ.—E aquelle sujeito do pé ?

LUIZA.—Do pé ?

MALAQUIAS.—Sim, um pé de cêra. O pobre homem chegou a perder a cabeça, procurando o pé.

GERTRUDES.—E encontrou-o ?

MALAQUIAS.—Olôpes ! Um typo que lá estava, já lhe tinha passado a mão.

MANESINHO.—Livra ! Que cabra de mão ligeira

THOMÉ.—Tambem ficou mais branco do que a cêra, quando foi descoberto

MALAQUIAS.—Quem não vi pelo caminho, não sei se por não dar conta do recado, foi a aleijadinha.

GERTRUDES.—E' celebre ! Não te esqueceste da mulher, hein ?

MALAQUIAS.—Não me esqueci, não; mas nem sabe a senhora porque tenho tanta pena d'ella ?

GERTRUDES.—Porque o marido a maltrata muito, talvez ?

MALAQUIAS.—Não só por isso, como tambem porque ella se parece muito com a mãe, que me creou. (*Noutro tom*). Mas é verdade, a senhora como sua visinha, é que me pôde dizer se ella veio ou não veio.

GERTRUDES, *que já se tem levantado, para approximar-se de Malaquias*.—Veio, com certeza. Na vespera, o Romão deu-lhe uma surra, que quasi a mata, depois de lhe ter tirado o ultimo vintemsinho. Eu que ouvia tudo de meu quarto, dizia commigo.—«Coitadinha, esta vae ser amanhã encontrada morta»—Qual não foi, porem, o meu espanto ao vê-la no dia seguinte, muito cedo, pelas 5 horas da manhã, sahir de casa, como fugida, e dizer-me :—«Visinha, vou para São José. Se não morrer no caminho, de fadiga, hei de encontral-a lá. Adeus»—Ora, isto foi hontem, e como são mais de duas horas, pode ser que ella já tenha chegado.

MANESINHO.—Qual ! Não pensem nisso. A mulhersinha talvez ainda não passasse do rio São João.

MALAQUIAS.—Ou mais depressa, ou mais de vagar, a questão é que ella chegue ao arraial.

(*Ouve-se o som de uma harmonica*).

LUIZA.—Oiça, seu Manesinho, aquella muzica (*Sobe*).

MALAQUIAS.—Aquillo é um preto muito sem vergonha, a quem chamam Pomada. (*Este atravessa vagarosamente o fundo da scena tocando harmonica*). Querem ver como elle dá o cavaco ?—O' Pomada ?

OS DO GRUPO.—O' Pomada ?

MANESINHO, *-em tom de censura*.—Ai, o que é isto ?

POMADA, muito zangado.—Quem me chamou ahí Pomada ?

MANESINHO.—Siga seu canunho, não faça caso.

POMADA.—*Estes moleque estão desde hoje inticando com a gente. Aos despois, eu quebro a cabeça de um !...*

MANESINHO.—Siga, siga seu camunho.

POMADA.—Foi a valença de *parés, canaia!* (*Sae, tocando a harmônica*).

MANESINHO.—Vocês tenham modo. Não se quer isto aquí. Não me provoquem a dar umas cabeçadas

LUIZA.—Deus olive ! O santo podia castigal-o.

(*Passa um grupo, ao fundo*).

GERTRUDES.—Chi ! o que vae ali de gente !

ANDRE', aos collegas.—Vejam se conhecem aquelles dois que ainda vão brigando ?

MALAQUIAS.—E' verdade, são os dois da barriga amassada.

THOME'.—Olhem o do pé

ANDRE'.—Até parece que vae manquejando.

MALAQUIAS.—Silencio, que alli vae o senhor padre.

GERTRUDES.—Será elle quem vae dizer a missa de amanhã ?

MALAQUIAS.—E' elle mesmo. Come que é um gosto !

THOME'.—E bebe que é um regalo !

MANESINHO, apontando para um grupo de mulheres.—O' Luiza ? Olha aquelle mulhero que alli vae !

LUIZA.—Foi logo para o que você prestou attenção. (*Voltando o rosto*). Eu não quero ver nada !

GERTRUDES.—Aquillo tudo é gente que vae pagar promessa.

MANESINHO.—Que enorme pedra leva aquella na cabeça !

MALAQUIAS.—Diz que está enfeitçada !

(*Ouve-se tocar uma viola e logo em seguida este canto. Veja-se a musica n. 4*).

CEARENSE, fóra.

**Bis** | Meu coração, ha dous dias,  
Abrio-se de lado a lado,  
Para apanhar uma rôla  
De cabello caxeado.

MALAQUIAS, subindo.—Bravos ! E' o cearense da viola.

ANDRE', tambem subindo.—Que cabra velho despachado !

(*Sóbe o grupo de rapazes*).

GERTRUDES.—Aquillo é que é gente para saber tocar viola.

LUIZA.—E para cantar. Muito melhor que os taes filhos do Rio de Janeiro, que só sabem cantar modinhas bahianas.

MANESINHO.—Anh ! Queres me metter ferrinho ? Pois vacs ver. Já estou de violão em punho, para puxar o desafio. O cearense que appareça !

## SCENA III

### OS MESMOS E O CEARENSE.

(*Este deve trazer a camisa fóra das calças e chapéo de carnaúba*).

CEARENSE, entrando da E., a cantar.

O' minha rôla do mato,  
Não andes tão fugitiva,  
Repara bem que minh'alma  
Vive da tua captiva !

(*Descobrimo-se*).—*Apois, Deus ncsso sió dè muito boas tardes a todos.*

LUIZA E GERTRUDES.—Boas tardes.

MALAQUIAS.—Viva o cearense !

O GRUPO.—Vivou !

MALAQUIAS.—Viva o papa requeijão !

O GRUPO.—Vivou !

CEARENSE.—*O' miuçãia, vacês ainda estão por aqui ?*

MALAQUIAS.—Estivemos a fazer bem ao estomago.

ANDRÉ.—Só não engulinos aquella garrafa.

MALAQUIAS, *tomando a garrafa*.—E' verdade, ainda ficou um bo cadinho. Não 'quer uma pinga ?

CEARENSE.—Eu só regeito pancada. (*Bebe*).

MALAQUIAS.—Agora, cante um pouco para nos alegrar.

CEARENSE.—*Nhór sim. (Cantando)*.

Eu cumprimento a vós todos  
Desta bella reunião.  
Por ter a mão na viola,  
Não posso estender a mão.

MALAQUIAS.—Ahi, ceará velho !

MANESINHO.

Seja bem vindo patricio  
Das bandas lá do sertão,  
Para ser bem recebido,  
Não precisa dar a mão.

ANDRÉ.—Ahi, cabra de gosto !

CEARENSE.

Acceito seu desafio  
De todo meu coração,  
Mas não pense que a viola  
Apanha do violão !

MALAQUIAS.—Ataca, meu velho !

MANESINHO.

Que o violão é mais fôrte  
Sem trabalho vou proval-o,  
Co'a mulher pôde o marido,  
Co'a gallinha pôde o gallo !

ANDRÉ.—Lá isso é verdade !

THOMÉ.—Eu ainda não tenho esporão, mas já faço—cò-cò-rò-cò !

CEARENSE.

*Vassuncê é hom, não nego,  
Mas não pôde c'os de lá,  
Quem quizer cantar modinhas,  
Ha de ser do Ceará !*

GERTRUDES.—O velho não fica a traz !

MANESINHO.

Não é só lá que se canta  
Aqui se canta também  
Os de cá não vão p'ra lá,  
Os de lá para cá vem.

TODOS.—Bravos ! Bravos ! (*Batem palmas*).

CEARENSE.—Apois, espere lá, que já lhe dou a resposta. Deixe afinar a viola.

## SCENA IV

### OS MESMOS E ROMÃO.

ROMÃO.—Ainda bem que por aqui se canta ! (*O cearense vai começar a cantar, mas os circunstantes aborrecidos com o intruzo, fazem-lhe signal para que se cale*) Ando também a procura da minha viola, para tirar-lhe umas notasinhas agudas, e ainda não a encontrei. O' senhora Gertrudes, a senhora que móra lá junto a nós, não saberá dizer-me se a sapa da minha companheira embanderou-se cá para estes lados ?

GERTRUDES.—Não sei, não senhor.

ROMÃO.—E a senhora Luiza ?

LUIZA.—Tambem não sei.

ROMÃO.—E os amigos presentes não me poderão informar se a vieram ahí por essas estradas, esmagada debaixo de algum carro ?

MANESINHO.—Eu não vi nada.

MALAQUIAS *e o seu grupo*.—Nós também, não !

ROMÃO.—Então, ninguém sabe, nem ninguém viu ?... Está direito !... Houve quem me dissesse que ella, hontem pela manhã, sahio aos pulos, aqui para as bandas de São José, afim de pedir uma graça ao santo... Ah ! ah ! ah ! .. talvez para que a faça mais bonitinha e elegante !... mas, por mais que olhasse para os caminhos, não a descobri. Só se o Santo, que dizem ser tão milagroso, lhe deu um carro de ouro e cavallos de azas nos pés, como nos contos das fadas, para transportal-a até ao arraial !

MALAQUIAS.—Alto lá ! Fale sobre o que quizer, mas respeite o santo !

TODOS.—Isso é verdade, respeite o santo !

ROMÃO.—Respeitar o santo ?... Bem se me importa que elle exista ! Não tenho eu mais o que fazer, senão occupar-me de santos e acreditar na labuzeira dos milagres !

TODOS, *indignados*.—O'-o'-o'-oh ! !

CEARENSE.—Oh ! que *home desgraçado* !

ROMÃO, *arremedando*.—O'-o'-o'-oh ! Que grande admiração ! que grande admiração eu não acreditar em milagres ! Pois está ahí.—o santo que faça apparecer, de repente, uma porção de dinheiro nos meus bolsos !...

MALAQUIAS, *á parte*.—Elle mesmo que protege a malvados !

ROMÃO.—Vamos lá ! Esse milagre que saia ! .. (*Puzando as algibeiras da calça*) Eil-as ! Estão vazias, como uma garrafa de vinho ao pé do Anthero.

GERTRUDES.—Menos essa ! Não bula com o meu marido, que não lhe bulin.

ROMÃO.—Todos vocês são uns palérmãs...

MANESINHO.—Sen Romão, é melhor acabarmos com esta conversa.

ROMÃO.—Todos vocês são uns palermas, repito; todos vocês engo-

Tem aquillo que se lhes conta. Dizem que ás praias de São José vão parar objectos offerecidos ao santo, e vocês acreditam! ...

TODOS.—E è verdade !

CEARENSE.—*Quaes padre ! Este mesmo não ó ebristão, não ! !*

ROMAO.—Dizem que o santo eurou uma mulher, que estava eega, e voeés acreditam !

TODOS.—De eerto !

ROMAO.—Dizem que um homem, por não lhe ter beijado a imagem, ficou quasi louco, e voeés acreditam !

MANESINHO.—E tome euidado com você, que não lhe vá aeonteeer o mesmo.

GERTRUDES.—E' exaeto.

LUIZA.—Com eerteza !

ROMAO.—Ah ! ah ! ah !... Ha de ser difficil ! ... O Romão tem a cabeça dura, mais dura ainda do que o eoração!...

MALAQUIAS.—Isso para o santo não vale nada

ROMAO.—E se ha visos de verdade na lenda, que por ahi corre, de ter o tal santinho abrandado o mar, salvando um navio portuguez, prestes a sossobrar defronte da «Ponta atrevida», elle que abrande, se é eapaz, o mar revolto que sinto agora aqui dentro. (*Espalma a mão no peito*).

MANESINHO.—Bem ! O negoeio por cá já esteve melhor. Proponho que se dê um passeio aqui em Moropoia, até ao reservatorio, antes de irmos para São José.

GERTRUDES.—Eu preeiso mesmo acordar ao Anthero, que deve estar para esse lado.

MALAQUIAS.—Bravos á lembrança ! Vamos todos até lá !

CEARENSE.—*Entonce intè logo*. Eu vou me ehgando.

MANESINHO.—Isso é que não, você agora ha de ser do nosso raneho.

LUIZA.—Podemos ir até debaixo de muziea.

ROMAO.—E a mim, não convidão ?... Ninguem responde ?... E' melhor assim. Antes só, do que mal aeompanhado. (*Dirigindo-se para D.*) Ai, se pilho a peste da minha mulher ! Hei de dar-lhe tantos murros, quanto a mãe lhe deu de beijos. (*Desapparece*),

MALAQUIAS.—Ha mais tempo.

ANDRE', *depois de dar um assobio*.—Bôa viagem

MANESINHO.—Vamos embora ! A eaminho !

LUIZA.—Cante, ó seu hcmem !

CEARENSE.—*Nhór sim*. (*Cantando ao som da viola. Veja-se a muzica do estribilho de chula de Manesinho*).

Vamos ver as bellas agoas  
Que corram neste logar,  
Antes de ver nosso rio  
São José de Riba-mar.

(*Fazem nma volta pela scena, antes de sahir*).

Este santo è milagroso,  
Sua fama é eonheecida,  
Ao que soffre dá saude,  
Ao quasi morto, dá vida.

(*O son de viola parte-se ao longe, depois de ter entrado Maria*).

## SCENA V

### MARIA, DEPOIS ROMAO

MARIA, *entra de rastos, extremamente cansada, e vai occupar o centro da scena. Depois de um longo suspiro.*—O meu senhor São José, como estou fatigada! Tenho sede, tenho fome, o sol escalda-me a pelle, uma labareda queima-me a garganta, a poeira dos caminhos penetra-me ás carnes, os meus olhos choram, as minhas mãos sangram, e no entanto, o meu coração está alegre e feliz, porque te ama e só em ti acredita! Tenho tanta fé nos teus milagres e tanta esperança nas tuas graças, que me esqueço de todos os flagellos da minha longa viagem! A's vezes, quando as pedras das estradas pareciam dilacerar as minhas myrradas pernas e os meus braços já cansados, pareciam não mais poder sustentar o corpo, um principio de revolta queria apoderar-se de mim; mas, só a lembrança de que me esperavas no teu altar, defronte do qual se têm prostrado tantos infelizes e tantos desgraçados, que recebem o suave balsamo da tua misericordia infinita, então, por encanto, tudo se mudava, nada mais sentia, e parecia correr para ti, enbalada nas minhas orações, como se fôsse levada nas azas de um anjo! (*Surdina na orchestra. Musica sacra, final do 3.º acto*). E' grande o teu poder, meu glorioso São José, e elle é tão grande, que deste forças a uma pobre aleijada, como eu, fraca e ralada de desgostos, para vencer uma grande distancia; perto de sete legoas, arrastando-se pelo chão! Grande é teu poder, meu glorioso santo, deixa que o repita! Em breve, na tua capellinha, onde brilhas, derramando luz por toda a parte, hei de pedir-te o maior de todos os milagres, talvez; hei de implorar que des vigor ás minhas pernas, que me suspendas este miseravel corpo, de forma que os meus labios possam te beijar os pés, e as minhas lagrimas de gratidão orvalhar as franjas do teu manto! O meu querido santo, dá-me esse enorme consolo, faze-me essa grande esmola, e mata-me depois, balbuciando o teu nome!

(*Cessa a surdina.*)

ROMAO, *entrando.*—Ah! ah!... Felizmente ponho-te a vista em cima! Se eu não tivesse parado alli adiante para saborear uma cachimbada, perdia a tua amavel companhia!... E dizem que os santos não me protegem!...

MARIA, *á parte.*—Ai, meu Deus!

ROMÃO.—Tu que te arrastas como as rãs, devias coaxar como ellas para saber-se por onde andas... Vim por todo esse estirão, olhandó de um lado para outro, e nada de ver-te. Por ventura estarias mettida n'alguma lagóa?

MARIA.—Abriguei-me em uma casa. Perdóá-me! perdóá-me!

ROMÃO.—Agora outra conversa. Eu lhe dei licença para vir até São José?

MARIA, *com muita humildade.*—Eu pedi licença!...

ROMAO.—Mas, creio que não lhe dei resposta.

MARIA.—Pedi por mais de uma vez, em nome do que tinha de mais santo, que me deixasse cumprir a minha promessa.

ROMAO.—E nesses dias, em que estivesses para cá, no regabofe, quem havia de trabalhar... trabalhar é uma conversa!—quem havia de esmolar para mim? Não sabes que já não podemos passar sem duas coisas, à noite: eu—sem o meu jogo; e tu—sem a tua sova de pau!



**Maria, orando em S. José de Riba-Mar.**



MARIA.—Pedi uma coisa tão pequena, e a minha promessa devia ser hoje, que é sabbado !...

ROMÃO.—E o que desejas que o calunga te faça ?... Franzes o rosto, porque lhe chamo calunga ?... Vamos lá ! Responde á pergunta :—o que queres que o santinho te faça ?... que te prive de andar de cocaras ?... que te dê dinheiro ?... que mande para o diabo aqui o teu rico maridinho ?... Ah ! ah ! ah !... Se é isto, perdeste o teu tempo. E gaba-te de me encontrares de repente, com tão bom humor, com vontade até de rir !... Ao contrario, já estarias achatada de pauladas, por teres tido o atrevimento de vir sem a minha licença.

MARIA.—Eu ja pedi perdão.

ROMÃO.—Pareces-me uma bruxa, com os teus perdões. Não penses que é por ter pena de ti, que te perdoo; não te illudas, não !. Perdoo-te, porque já me passou pela cabeça uma feliz idea:—Em São José, no meio de tanta gente beata, a colheita das esmolas ha de ser soberba, e tu me poderás obter uma hõa quantia. Mas vê lá, o que fazes !... Se não me arranjares muito dinheiro—Ah ! ah ! ah !—olha cá para elle ! (*Mostra-lhe o cacete*) temos que conversar ! (*Noutro tom*). Agora, toca a safar !

MARIA, *depois de arrastar-se com visível esforço*.—Eu estou tão cansada !... Se podesse descançar um bocadinho !

ROMÃO.—Não queres tambem uma rede e um chocolate com biscoitos ?... Já, a caminho ! Senão !...

MARIA, *suspirando, com indisciplinavel dôr*.—Ai ! ai !... (*Sõe arrastando-se*).

ROMÃO.—Ah ! ah !... Se não fossem as esmolas, era agora a occasião de achatar-te a cabeça com este pau. (*Sõe*).

## SCENA IV

### O SOLDADO E O CEARENSE

O SOLDADO, *entrando, com duas velas de cêra debaixo do braço*.—Ora graças que encontro um lugar deserto. Nunca vi tanta gente nesta estrada, como hoje. E possa um homem dormir um bocadinho, com tanto barulho ! Mal ia apertando os olhos, para ficar como Deus entre os anjos, vinha logo um carro da roça. (*Imitando*) *nham-nham-nham*, acordar-me ! mal ia eu, de novo, pegando no somno, surgia uma malta de beberroses, cantando e fazendo uma gritaria capaz de ensurdecer um surdo !... Um inferno !... (*Depois de ter lançado um olhar em torno*). Felizmente encontrei o que queria. Este lugar me parece socegado. Aqui, sim, vou dormir uma boa lasca ! (*Deita-se*). Como esta cama está macia ! Desta vez, não ha duvida, vou gozar um somno bem comprado, a menos que algum importuno não se lembre tambem de vir para este lado. Mas, ora qual ! isso não ha de acontecer. Tudo agora é silencio e os proprios passarinhos estão calados, talvez a dormir, e... (*Principia a roncar. Ouve-se fóra a voz do Cearense*).

CEARENSE, *fóra*.

Que lugar, meu santo Deus,  
Que lugar abençoado.  
Nesta terra, eu me casava,  
Se já não fosse casado !

SOLDADO, *sentando-se*.—Ora esta ! Estarei sonhando ? Pareceu-me ouvir uma especie de cantiga ! (*Levantando-se*). Qual sonhando ! Estou perfeitamente acordado ! Já oiço bem o som da viola ! Esta gente não se lembra que os dias foram feitos para se descansar !

## SCENA VII

### OS MESMOS E OS PERSONAGENS ABAIXO

(*Entram Manesinho, Gertrudes, Luiza, Cearense, Malaquias, Thomé, André, e mais personagens que engrossam o grupo, ou melhor, a ficiva.*)

CEARENSE, *indo ao soldado*.

Seu soldado, me desculpe  
Venha ser desta função.  
Hoje aqui tudo é amigo,  
Hoje aqui tudo é irmão.

MANESINHO.—Olhem quem elle é ?

SOLDADO —Olhem o *seu* Manesinho ! (*Cumprimentam-se*).

MALAQUIAS.—Vamos embora, que são horas !

GERTRUDES.—Já o sol está abaixando.

LUIZA.—Não devemos chegar á noite.

ANTHERO.—Olá, Ceará, abre ahi o queixo em despedida !

CEARENSE.—Ahi váe obra !

MANESINHO.—Alto lá ! Agora me cabe a vez. Quero dar uma lavagem neste cearense.

CEARENSE.—*Apois, nhôr* sim.

MANESINHO.—Preparem-se todos, que vamos entrar numa maxixada á moda do Rio de Janeiro.

O GRUPO DOS PEQUENOS.—Queremos ver isso !

MANESINHO.

## Tango

**Bis** | Quem tiver a perna dura  
E quizer que a perna espiche,  
Não pense muito na cura,  
Caia logo no maxixe !  
Com tal sabor,  
Tão remexida,  
Dança melhor  
Não ha na vida !

CORO.

Com tal sabor,  
Tão remexida,  
Dança melhor  
Não ha na vida !

**Bis** | O maxixe em toda a parte  
E' dança que pede um bis  
Quando quem dança com arte  
Sabe bulir c'os quadris !  
Fiquem sabendo  
Que o brasileiro  
Nada mais sendo  
E' maxixeiro !

CORO.

Fiquem sabendo  
Que o brasileiro  
Nada mais sendo  
E' maxixeiro !

*(Dança ge ral, salientando-se o Soldado e Manesinho).*

Cáe o panno.



## ACTO TERCEIRO

*(Arraial de São José. Ao fundo, vê-se a capella festivamente illuminada. Bandeiras e arcos de murta enfeitam a scena. Osromeiros formam um grande circo, em cujo centro, Malaquias dança o chorado. Acompanha-o o repinicado da viola do cearense que está sentado nos degrãos da cruz. A pequena distancia, ouve-se o alegre batuque de um tambor.*

### SCENA I

TODOS OS PERSONAGENS DA PEÇA, EXCEPÇÃO  
FEITA DE ROMÃO, MARIA E O SOLDADO.

MALAQUIAS, *cantando*

No verdadeiro chorado,  
Repinicado,  
Bamboleado,  
Se desloca o corpo assim;  
E a gente vae de mansinho,  
De vagarinho,  
Qual num carrinho,  
Qual suspensa num patim !

### Córo

Bem languoroso  
Bem requebrado,  
Nada é gostoso,  
Como o chorado.

ANDRÉ.—Ahi, moleque bom !

THOMÉ.—Quebra gostoso !

MALAQUIAS, *cantando*

E depois num vigoroso,  
Bem boliçoso,  
Estrepitoso  
Sapateado no ehão,  
Se puxa logo a feira  
P'ra faeeira,  
P'ra bregeira,  
Que nos traz no coração !

*Desafia a uma menina.*

### Côro

No boliçoso  
Sapateado,  
Mexe, gostoso !  
Quebra, damnado !

CEARENSE.—Ahi, moleque apresentado ! *(A menina dá duas voltas, desafiando depois a Luiza).*

ANTHERO.—O' Luiza ? Quero vêr esse requebrado !

CEARENSE.—*Sarte p'ro terreiro, siá dona !*

LUIZA.—E' só uma volta, para fazer o gosto. *(Dança.)*

CEARENSE.—*Vacês não me esfriem a viola !*

*O sino da igreja começa a repicar.*

LUIZA, *suspendendo a dança.*—Basta ! O sino já está ehamando para a ladainha.

MANESINHO.—E eu que já estava me preparando, á tua espera !

CEARENSE, *que tem deixado de tocar.*—Fica para mais logo.

LUIZA, *com um mochoço, a Manesinho.*—Estivesse voeê livre de outra eoisá !

MANESINHO.—Então, tu não querias que eu dançasse eontigo? *(Continuam a conversar baixo.)*

*O povo começa a entrar para a igreja.*

GERTRUDES, *a Anthero.*—Venha eá, seu Anthero, vamos depressa lá em casa, antes de ir para a igreja.

ANTHERO.—Sim, minha santa. *(A Manesinho e Luiza).*—Voeês fieam, não ?

LUIZA.—Esperamos por voeês, aqui.

MANESINHO.—E' melhor.

GERTRUDES.—Nós tambem não demoramos.

ANTHERO.—Até já. *(Sáem).*

## SCENA II

### MANESINHO E LUIZA

LUIZA.—Agora, que estamos sós, me diga quem é aquella enxabuada, em quem você deu um belliseão !

MANESINHO.—Eu ? !

LUIZA.—Você, sim ! Então, pensa que eu não vi ?...

MANESINHO.—Tu estás sonhando ! Lá viste nada !

LUIZA.—Eu mesma sou cêga. Eu mesma não vi você dar um bellissimo no braço de uma mulata beijuda e de cintura curta, quando nós sahiamos hoje da missa

MANESINHO.—Ora que tolice que mulher ciumenta

LUIZA.—Eu não sou ciumenta. Se eu fôsse ciumenta, já tinha acabado com esta amolação, se é que você com as suas trapaças, não acaba me enganando

MANESINHO, *resentido*.—O' Luiza, tudo admitto, menos isso ... Eu enganar-te ?

LUIZA.—Só parece

MANESINHO.—Oh ! Luiza. Pois tu não me acreditas ?...

LUIZA.—Pois bem, diga-me uma coisa—quando é o nosso casamento ?

MANESINHO.—No principio do mez que vem, é como sem duvida. Não viste o juramento, que fiz defronte do santo ?

LUIZA.—Vi e ouvi. Foram estas as suas palavras.

### Duetto

LUIZA.

Perante vós, aqui juro,  
Meu santo, muito adorado,

MANESINHO.

Que em paga de amor tão puro  
Em breve estarei casado.

LUIZA.

E se isto não se fizer,  
Por culpa minha, senhor,

MANESINHO.

Por castigo eu quero ter  
Muito penar, muita dôr

LUIZA.

O' meu rico São José  
Não me haveis de castigar,

MANESINHO.

Pois tenho bastante fé  
De só ella desposar.

ENSEMBLE:

**Bis**

Então, qual num paraiso  
Em casa, nós viveremos  
Para isto pouco é preciso  
Só basta que nos amemos

*(Ao começar este duetto, Malaquias sêe da igreja, mas ao vêr a attitudede amorosa de Manesinho e Luiza, que the provoca um sorriso bregeiro, volta a chamar André, a quem mostra os dous namorados; André vae chamar Thomé, apontando com o mesmo gesto comico para os dous; Thomé vae buscar um novo companheiro; este a outro; e assim vão indo, até chegar o ultimo. Depois, todos elles, fazendo sempre o mesmo jogo, isto é, apontando para Manesinho e Luiza, sêem em pontas de pé, em ar de troça).*

LUIZA.—Já vi que não me esqueci de uma só das suas palavras. E' preciso que você seja muito ruim para enganar o Santo.

MANESINHO.—Nessa é que eu não caio !

LUIZA.—E outra coisa—você promette não dar mais beliscões ?

MANESINHO.—Prometto e juro até, se quizeres.

LUIZA.—Jura por senhor São José ? *(Estende a mão.)*

MANESINHO, *estendendo a mão.*—Por senhor São José, juro não dar mais beliscões em mulatas !

LUIZA.—Olhe lá, veja o que diz ! Depois vá quebrar o juramento !...

MANESINHO.—Deus me livre ! Com o santinho não se brinca, cada vez me venço mais. Não vê o que está acontecendo a teu cunhado, o Anthero ?... como o homem está quebrado ?...

LUIZA.—E' verdade, até parece mentira. Em dous dias, que estamos aqui, que mudança !

MANESINHO.—Um bruto que bebia chumbo derretido, que era capaz de beber toda a agoa de Moropoia, transformada em vinho, não querer provar nem mais uma gotta e olhar para o copo do tinto, como quem olha para um copo de oleo de ricino ? ... E' mesmo para se ficar de queixo cahido !

LUIZA.—E como ficou elle de genio !...

MANESINHO.—Um cordeirinho. E' sua mana Gertrudes fazer-lhe uma observação, e elle desfazer-se logo em mil desculpas ! Neste andar, creio que as scenas vão mudar-se—será ella agora quem lhe passa a metter o pau !

LUIZA.—E tola será se o não fizer !

MANESINHO, *com medo comico.*—Chi ! com quem estou eu mettido !

LUIZA.—Se não fôsse São José, pobre de minha irmã ! Felizmente o santo attendeu o seu pedido, mudando o genio do marido !

MANESINHO, *com ar de riso.*—E a senhora tambem não pediu ao Santo, alguma coisa a meu respeito ?

LUIZA.—Pedi, sim, para que eu hei de mentir ?

MANESINHO.—E que foi ?

LUIZA.—Não posso dizer, é segredo.

MANESINHO.—Segredo que eu não posso saber, caboclinha cheirosa ?

LUIZA.—Só quando formos casados.

MANESINHO.—E porque não ha de ser agora, coração? *(Quer abraçal-a).*

LUIZA.—Tenha modo !

ROMÃO, *fôra.*—Estupor de uma figa ! Raio do diabo !

LUIZA, *afastando-se.*—Tenha modo, que ahi vem gente !

MANESINHO.—Ora bolas ! E' a empada do Romão !

LUIZA.—Aquelle é que não muda. Deu um murro tão grande na pobre mulher, que quasi a mata.

## SCENA III

### OS MESMOS E ROMAO

ROMÃO, *entrando.*—Ora viva ! Então, estavam aqui como dous pombinhos ?

MANESINHO, *sem lhe prestar attenção.*—O' Luiza, queres vir commigo á igreja ?

LUIZA.—Vamos *(Vão á sair).*

ROMÃO.—Olá ! que é lá isso ? Vocês também querem fugir de mim ? Querem fazer o mesmo que todos esses idiotas, que por aqui andam e quasi me engolem, porque dei um abraço mais apertado na minha mulhersinha?... Aquillo não foi um murro !... Ah ! ah ! ah !... Aquillo foi o que se costuma a dizer um abraço de quebra costellas

MANESINHO.—Nós não fugiamos, *sen* Romão, porque eu aqui, filho do Rio, carioca da genuina, e... *(Faz menção de dar uma cabeçada.)* Não fujo de outro homem ! Retiro-me, apenas, quando ha dous motivos:—ou ter mais o que fazer, ou me enfastiar a companhia.

ROMÃO.—Quer dizer na sua, que eu o aborreço ?

MANESINHO.—Creio que sim. Ninguém pode ser seu amigo, depois daquella brutalidade de hontem.

ROMÃO.—Obrigado. Já vi que está como o Anthero, mas... *(cuspiendo para um lado)*, mas este até me faz nojo. Tornou-se agora um maricas, que só a mulher o pode aturar. Esta devia dar-lhe de presente um filho, para elle lhe fazer as papinhas e lavar os encieiros.

LUÍZA.—Vamos, *sen* Manesinho ?

MANESINHO.—Vamos. *(Aproprimando-se de Romão e lhe batendo no hombro)*. Olhe *sen* Romão, vá pedir ao senhor São José que lhe tire o mau genio.

ROMÃO.—Eu lá acredito em calungas. Vá você !

MANESINHO.—Isso não é resposta que se dê, e saiba que se não fôsse o lugar...

## SCENA IV

### OS MESMOS, GERTRUDES E ANTHERO

ANTHERO.—O' *sen* Manesinho ?

GERTRUDES.—O' Luíza ?... *(Los douts.)* Já sei que estão fartos de esperar ?

MANESINHO.—Nós até já fomos, porque aqui o seu Romão, com a a sua mania de maldizer de tudo e de todos, já nos estava enjoando.

ROMÃO, *apontando para Anthero.*—Olhem quem nos apparece—o Maricas

ANTHERO.—O' Romão, já te disse que não tolero mais essa brincadeira

GERTRUDES.—Oh ! que homem impicante !

ROMÃO.—Estão todos vocês assim, por causa de uma bôa accção, que pratiquei. E' este o mundo ! A Maria estava com frio, e eu com pena de vê-la nesse estado, aqueci-lhe as costas com dous murros, e... ai Jesus ! porque o fizeste ?... ficaram todos a me olhar atravessado !... Ah ! ah ! ah !... já não vale a pena ser hom sobre a terra

MANESINHO.—O' *sen* Romão, você tem coragem ! !

LUÍZA.—Que cynismo !

ANTHERO.—Até á pouco tempo, onvia-te com indiferença, hoje não ! a scena de hontem, confesso que me comoveu.

GERTRUDES.—E como estará ella, coitadinha ?

ROMÃO.—Ah ! não tenha medo, aquillo tem folego de sete gatas. Ainda ha de enterrar-nos a todos !

ANTHERO.—Da forma porque tu a tratas, duvido !

ROMÃO.—Ah ! ah ! ah !... Ora, trata sério, meu Anthero ! Queres tu também dizer-me que não batias em tua mulher ?

ANTHERO.—Ah ! mas não imaginas como estou arrependido !

ROMÃO.—Foi o santo que te fez isso ?

ANTHERO, *com grande convicção*.—Foi o santo, sim disseste bem !

ROMÃO.—Ah ! ah ! ah !... Fallas serio ?

ANTHERO.—Fallo muito serio, foi o santo que me fez isto. Quando ante-hontem chegamos aqui, e a convite da Gertrudes, fomos os dous ajoelhar defronte da imagem, daquella ahencoada imagem, que está lá dentro da igreja, e vi a minha mulher, com os olhos cheios d'agoa, pedir na sua oração, a tranquillidade da nossa casa, unicamente por mim perturbada, com as minhas continuadas bebedeiras; e depois quando vi o seu olliar risonho e tranquillo, bem fito para o santo, como que para agradecer-lhe alguma coisa. e, qual num sonho, vi o santo por sua vez sacudir a cabeça e sorrir-se igualmente para ella; senti cá dentro uma tão grande paixão, uma tal repugnancia do meu passado, que, palavra de honra ! jurei alli mesmo de mãos postas, nunca mais me embriagar !

GERTRUDES, *abraçando-o*.—Ai, meu rico marido !

ROMÃO.—Isto é só hoje. Amanhã já me estás procurando, para bebermos um quartilho.

ANTHERO.—Juro-te que não ha de ser assim. Sinto-me completamente mudado.

GERTRUDES.—Ora, não lhe dês ouvidos !

MANESINHO.—O' seu Romão, siga o meu conselho, vá se pegar com o santo.

LUIZA.—Elle é tão milagroso !

ROMÃO.—Ah ! ah ! ah !... Mas quem disse a vocês que eu preciso de milagres ? O que desejo justamente é que não me mudem o genio e que me dêem dinheiro !

ANTHERO.—O homem é incorrigivel !

GERTRUDES.—Vamos já para a igreja, que não tardará a ladainha. (*Ouve-se dentro da igreja o introito de uma ladainha*).

LUIZA.—Queira Deus que ainda tenha lugar.

MANESINHO.—Fica-se na porta, que é a mesma coisa,

ROMÃO, *chasqueando*.—Não percam o tempo, que hão de ir todos para o céu !

LUIZA, *á parte*.—Que homem inticante !

GERTRUDES, *á parte*.—E' peor do que um cavallo ! (*Entram para a igreja*),

## SCENA V

### ROMÃO, DEPOIS O SOLDADO

ROMÃO.—São todos os mesmos. Uma cambada de basbaques Muita reza, muita igreja, muita batidella no peito, e a esperanza de que o santo, com toda essa bajulação, lhes venha trazer a unica felicidade desta vida, que é o dinheiro ! Se isto assim fôsse, Maria, a minha alejadinha, seria quasi uma santa, porque d'ella é que me vem o cobre, com que vou ao botequim e á casa de jogo. O diabo é que desta vez, fui um bocadinho mais duro, pois quasi matto a galinha, que me põe os ovos de ouro !

(O soldado tem saído da igreja, defronte de cuja porta, se curva reverente, batendo no peito e beijando a fimbria do reposteiro!).

ROMÃO, olhando-o de esquelha, à parte.—Olha aquelle como alli está!

SOLDADO, descendo.—Parece incrível, ainda não pude dormir à vontade.

ROMÃO.—O camarada, o que está para ahí a fallar?

SOLDADO.—Estou fallando bastante contrariado; preferia estar roncando.

ROMÃO.—Então, para quê falla?

SOLDADO.—Porque não posso dormir.

ROMÃO.—E porque não dorme?

SOLDADO.—Porque não me deixam!

ROMÃO.—Pelo que vejo perdeu a noite de hontem?

SOLDADO.—Perdi a de hontem, a de ante-hontem, a de traz ante-hontem, enfim, uma porção de noites perdidas; mas, antes houvesse perdido o somno. Infelizmente, porém, dá-se sempre o contrario—anda o somno a fechar-me os olhos, e o barulho a abrir-me os ouvidos... A's vezes até tenho pena de não ser surdo!

ROMÃO.—E porque não aproveita agora?

SOLDADO.—E' justamente o que venho fazer, emquanto estão na laidinha. O que me vale é que ja paguci a minha promessa. (*Deita-se*).

ROMÃO.—E qual foi a sua promessa?

SOLDADO.—Duas velas de cêra. Uma para que o Senhor São José arrange a minha baixa, e a outra, para que consiga um emprego, em que se possa dormir sosegado. Ai, se eu pilho o de porteiro do Congresso!

ROMÃO.—Porque porteiro do Congresso?

SOLDADO.—Porque me garantiram ser aquillo uma casa, em que todos dormem.

ROMÃO.—Nesse caso, você tem razão em querer dormir, porque vae mostrando desde já que está preparado para o cargo. (*O soldado ronca*). Pois já não está dormindo? Irra! com que presteza! (*Noutro tom*). Mas é verdade! E a Maria que ainda não passou para a igreja? Dar-se-á o caso que a peste tenha piorado! (*Vae a sahir e pára, a olhar para fóra*). Oh! diabo! Ella já alli vem! E como vem depressa!... Já será algum milagre?

## SCENA VI

### ROMAO, MALAQUIAS E MARIA

MALAQUIAS.—São horas, entre tiasinha. (*Entra conduzindo a Maria com todo o desvello*).

ROMÃO.—O' petiz, quem te mandou metter, onde não és chamado?

MALAQUIAS.—Cale-se, seu bruto!

ROMÃO.—Hein! Que dizes?

MALAQUIAS.—Já lhe respondo. (*A Maria*). Vá, vá, que ha de ser bem succedida. (*Maria encaminha-se para a igreja*).

ROMÃO.—E tu, ó gia, suspende os pulos, que te quero fallar.

MALAQUIAS.—Não lhe dê attenção, siga o seu caminho.

ROMÃO.—Ora esta! Não estão vendo a audacia deste pequeno! (*A Maria que já está perto da igreja*).—O' peste? ó diabo? não me ouviste?

MALAQUIAS.—Nem mais um passo. (*Apanhando uma pedra*), ao contrario, quebro-lhe a cabeça com esta pedra. (*Maria entra na igreja*).

ROMÃO, *que ficou como interdito*.—Sim, senhor ! que patife de coragem ! (*Depois de examinar com attenção, a Malaquias*). O' pequeno, pois não vês que se eu quizesse, só com um sopro te reduzia a poeira

MALAQUIAS, *aproximando*.—Aqui estou, reduza-me a poeira !

ROMÃO.—Mas, ó pequeno, só quero que me digas uma coisa:—o que foi que se te mettu na cabeça, para teres o arrojo de te expores ás minhas iras ? !

MALAQUIAS.—O que se me mettu na cabeça ? Nada ! O que se me mettu no coração, o que se enraizou aqui dentro, desde que comecei a perceber que neste mundo ha fortes e ha fracos, foi uma enorme compaixão pelos mais desprotegidos. Confesso que sou muito traquinas, e, nas minhas travessuras de criança, nunca vi uma mosca perseguida por uma osga, ou uma borboleta nas unhas de uma aranha, que as não livrasse da morte. Hoje fui mais arrojado, porque tive de enfrentar uma onça, prestes a cahir sobre uma pobre ovelha; mas, não tive e nem tenho medo !

ROMÃO.—Com que então, eu sou uma onça e não tens medo das minhas garras ?

MALAQUIAS.—Nenhum !

ROMÃO.—E em que tu te fias ?

MALAQUIAS.—Em primeiro lugar, na protecção d'aquelle santo milagroso, que nunca me desampara. (*Aponta para a igreja*), e em segundo lugar, (*mettendo os dedos na bocca e soltando um assobio agudissimo*), na amizade dos meus companheiros. (*Apparece o grupo dos pequenos formados, como se fossem soldados. Todos trazem chapéus-armados, feitos de gazeta*).

ROMÃO, *encolhendo os hombros*.—Estás bem arranjado !

## SCENA VII

### OS MESMOS E GRUPO DE RAPAZES

MALAQUIAS, *mostrando o grupo que se poz em linha*.—E' isto o que se chama o batalhão de São Estevam. Quer ver como estão bem disciplinados ? (*Em voz de commando*). Apresentar armas ! (*Os pequenos estendem os braços, mostrando cada um, uma grande pedra*). Descançar armas ! (*Todos deixam cahir as pedras. A Romão, com ar molecorio*). Que tal, gostou ?

ROMÃO.—Ora que grandes malandros !

MALAQUIAS.—Veja agora o resto.

CORO DOS PEQUENOS.

**Bis** | Este grupo valente  
Agora aqui lampeiro,  
Compõe-se só de gente  
De pulso bem certoiro.

(*Fazendo que arremessam uma pedra*).

**Bis** | Zaz ! Traz  
Lá vae pedrada !

ROMÃO, *rindo-se*.—Ah ! ah ! ah ! ah !

CORO DOS PEQUENOS.

**Bis** | Traz ! Zaz !  
Livra a fachada !

ROMÃO, *vindo-se*.—Ah ! ah ! ah ! ah !

CORO DOS PEQUENOS.

**Bis** | De São Estevam somos  
Os guardas, olaré !  
Unidos, nós impomos  
Ninguem nos bate o pé

(*Com o mesmo joço acima*).

CORO DOS PEQUENOS.

**Bis** | Zaz ! Traz !  
Lá vae pedrada !

ROMÃO, *vindo-se*.—Ah ! ah ! ah ! ah !

CORO DOS PEQUENOS.

**Bis** | Traz ! Zaz !  
Livra a fachada !

ROMÃO, *vindo-se*.—Ah ! ah ! ah ! ah !

SOLDADO, *sentando-se*.—O que quer isto dizer ? A noite fez-se para dormir ! Ora, que massada ! (*Torna a deitar-se*).

MALAQUIAS.—Então ! São bons ou não são bons os meus soldados ? Bem vê que tenho em que me fiar. (*Em voz de commando, ao grupo*). Alerta ! Volver ! Um passo em frente ! Marcha ! (*O grupo vae para a igreja, ao som da muzica do coro*).

ROMÃO.—Ah ! ah ! ah !... Não te persuadas que foram os teus soldadinhos de chumbo ou a protecção do teu santo de pau carunchoso, o que te valeu; não foi isso, não ! O que me conteve foi haver gostado da tua petulancia, porque tu, ó petiz, promettes ser um homem !... Palavra que fiquei gostando de ti !

MALAQUIAS.—Eu lhe ficaria obrigado, se você não tivesse fallado mal do santo.

ROMÃO.—Está bem, não fallarei mais, para te ser agradável.

MALAQUIAS.—Assim, podemos nos entender; mas, não ficarei completamente satisfeito, enquanto não me prometter outra coisa.

ROMÃO.—Qual é ella ?

MALAQUIAS.—Que não ha de esbordoar mais a sua pobre companheira.

ROMÃO.—Mau ! Tudo, menos isso. Se queres que eu não te falle do santo, não me fales tambem nesse estupor !

MALAQUIAS.—Por ventura lhe fez ella algum mal, ou commetteu alguma falta ?

ROMÃO.—Achas pouco ella ter ficado naquelle estado, sujeitando-me ás razões da esmola, quando podia estar forte e sadia, me ajudando a viver ? !

MALAQUIAS.—Ah ! mas não foi por culpa d'ella, com certeza, que ficou aleijada ?

ROMÃO.—Fôsse por culpa do diabo ! O que sei é que já não a posso aturar. Ainda se ella fôsse á esmola todos os dias, vá ! mas quando se deixa ficar na rêde.

MALAQUIAS.—E quando ella fica assim, porque você não trabalha ?

ROMÃO.—Ah ! ah ! ah !—Ora, o raio do pequeno a perguntar porque eu não trabalho ?... Ah ! ah ! ah !... Pois ainda não reparaste que neste mundo, vivem uns á custa de outros, e que, se me easei com uma mulata, foi para ter alguém que me servisse ?... Lá ella ter fiado eneanraguejada, queixou-se da sorte !...

MALAQUIAS, *á parte*.—Pobre aleijadinha ! Se São José a puzesse boa !

ROMÃO.—Hein ?... O que estás para ahí a rosar ?

MALAQUIAS.—E' o que não é da sua conta. Até á vista. (*Sae a correr, para a igreja*).

ROMÃO.—Vem eá, ó petiz ? vem eá, ó pirralho de uma figa ?

## SCENA VIII

### ROMAO E O SOLDADO

ROMÃO.—Foi-se !... (*Olhando para a igreja.*) A tal ladainha parecee que não termina hoje, e que vou fiar agora sem ter com quem conversar... Ora, que raio !... Não sei porque ! mas depois que aqui cheguei, não posso ficar sósinho ! Começo logo a pensar em tanta asneira !... (*Vendo o soldado.*) Ora bravos ! já encontrei uma companhia. Vou já aeordal-o. Que me importa que elle ande tresnoitado ? (*Dando dois murros valentes no soldado.*) Camarada ?... ó eamarada ?...

SOLDADO, *acordando extremunhado*.—Hein ?... hein ?... quem me chama ?

ROMÃO.—Eu !

SOLDADO.—Para que ?

ROMÃO.—Para nada, não se espante !

SOLDADO.—Se é para nada, para que me chamou ?

ROMÃO.—Levante-se primeiro.

SOLDADO, *levantando-se*.—Ora, para que voeê me foi aeordar ? Logo agora que eu estava tão alegre, sonhando que estava a dormir !...

ROMÃO.—Não me leve a mal. Eu sei que você tem perdido muitas noites; mas, como não posso estar sósinho, por muito tempo, devido a um nervoso estúpido, despertei-o para conversar.

SOLDADO.—Eu, conversar ? !

ROMÃO.—Então ?

SOLDADO.—Você, com certeza, não me conhece ! Se eu até peço a Deus que ninguém me falle !...

### Duetto

ROMÃO.

Uma palavra só que seja  
A palestrar, eu quero ouvir,  
Todo encolhido assim não 'steja !...  
Faça o favor !...

SOLDADO.

Eu não senhor **(Bis)**  
A noite fez-se p'ra dormir !

ROMÃO.

Isso em você já é mania !  
Já é tolice, ha de convir !  
Ronque amanhã, durante o dia !...  
Faça o favor !...

SOLDADO.

Eu não senhor **(Bis)**

A noite fez-se p'ra dormir !

*fallando.* Tenha paciência, a noite fez-se para dormir. Boa noite. *(Torna a deitar-se!)*

ROMÃO, *afastando-se.*—Vá para o diabo que o carregue !... O maldito mal se emborça, começa logo a resonar !

## SCENA ULTIMA

### TODOS OS PERSONAGENS

*O sino repica e ouve-se o estalar dos foguetes. O povo sac apressadamente da igreja, sabindo de todas as boccas, estas palavras:*

Um milagre ! Um grande milagre !

SOLDADO, *erguendo-se, muito aborrecido.*—O que quer isto dizer ?  
Que diabo de matizada é esta ?

MALAQUIAS, *correndo, aos pulos, a Romão.*—Seu Romão ! seu Romão  
Que grande felicidade ! A sua mulher está andando !

GERTRUDES.—Tão bem, como qualquer um de nós !

LUIZA.—E' uma coisa extraordinaria !

CEARENSE.— Oh ! que santinho milagroso

ANTHERO.—Vae buscar a tua mulher, ó Romão !

GERTRUDES.—E agradeecer ao santo.

MANESINHO.—Parece que elle ainda não acredita !

ROMÃO, *soltando uma grande gargalhada.*—Ah ! ah ! ah !... ah ! ah !  
ah !... Vocês estão doidos, ou que diabo vocês teem ?

Então, querem me convencer que aquella aranha caranguejeira está  
andando, como se fosse gente ?... Não é má pilheria !... Ah ! ah ! ah !...  
ah ! ah ! ah !...

MALAQUIAS, *mostrando-lhe os dedos.*—Não se ria ! Olhe, ainda tenho  
nos dedos o oleo que ella passou nas pernas !

ROMÃO.—E' este ? *(Esfrega os dedos nos dedos de Malaquias.)* Deixem-  
me passal-o tambem nas pestanas, para vêr melhor se vocês têm a cabeça no  
lugar ! *(Faz o que diz.)*

CEARENSE.—Oh ! que home cheio de besteira !

*Signaes de desapprovação ile todos.*

VOZES.—Oh !... oh !...

ROMÃO, *dando um grande grito.*—Ai ! ai ! este oleo me cegou !

ANTHERO.  
GERTRUDES.  
MANESINHO.  
MALAQUIAS.

**Simultaneamente**

o que foi ?  
o que é ?  
o que tem ?  
o que aconteceu ?

ROMÃO.—Ai, meu Deus, que grande desgraça ! Estou cego ! completamente cego ! O santo não quiz que eu visse o seu extraordinário milagre, para que o meu castigo fôsse maior. Bem me diziam todos que era grande o seu poder, que enquanto premeia os bons, castiga os rebeldes. Oh ! bem o sinto agora ! Hoje, que para minha companheira principia a raiar a aurora de uma nova vida, surge para mim as trevas de uma noite interminavel ! Oh ! quanto sou infeliz !

ANTHERO, *commovido*.—Ajoelha-te, Romão, e pede ao Senhor São José que te valha !

ROMÃO, *ajocelhando-se, succumbido*.—Ajoelho-me, sim. Já começo a arrepender-me de ter sido tão máu ! (*Entre lagrimas.*) Quem velará hoje por mim ?

MARIA, *que tem apparecido á porta da igreja*.—Eu ! eu, Romão !

TODOS.—Ella ? !... (*Abrem caminho para deixal-a passar.*)

MARIA, *que tem descido, poisando a mão sobre o hombro de Romão*.—Eu, sim, Romão: eu, que acabo de ficar boa, graças a minha ardente fé em São José de Riba-mar. Elle tambem te poderá curar da cegueira da alma, muito peor que a cegueira dos olhos.

ROMÃO.—Perdôa-me, Maria, e junta as tuas orações ás minhas, para que o santo não nos desampare !

## Quadro Final

*(Apparece ao fundo, entre fogos cambiantes, a imagem de São José de Riba-mar. A orchestra, em sordina, executa um trecho de musica sacra, constante d'este libretto.*

MARIA, *ajocelhndo-se ao lado de Romão, e pondo as mãos como este, recita*

O meu santo bem amado,  
Nesta singela oração,  
Em que vae a ti levado,  
Bem humilde o coração,  
Vê o grande sentimento,  
Que existe neste momento,  
Na nossa veneração !  
E d'esse altar scintillante  
Todo luz, todo fulgor,  
Onde brillas n'este instante  
A' luz do teu resplendor,  
Envia o balsamo doce  
Do perdão, a quem curvou-se,

*(Designa Romão).*

Contracto e cheio de dôr !

*(<sup>1</sup>) para var mensuralmente, ante se ajoelhando e*

**Cae o panno.**



MUSIC A



# ACTO I.

## No. 1.—CÔRO DE JOGADORES (EM SURDINA).

IGNACIO CUNHA.

*Andantino.*

*f* *pp* Como o jogo o que é que

existe N'este mundo Torna a - legre o que está triste Faz d'immundo va - ga -

bundo Grão-sen-hor N'este mundo quem tem sorte qu - em ma - is bi - lia

quem mais cobre e prata empilha Do que o forte jo - ga

dor Por isso agora sem mais demora

Sem pa-rar va-mos jo-gar                      Sem pa-rar va-mos

jo-gar Do que o tor-te jo-ga-dor                      Por isso ago-ra sem

ma-is de mo-ra                      sem ma-is pa-rar va-mos jo-

gar sem ma-is pa-rar va-mos jo-gar!

**FALLA**

Fal-la um solda-do ha-ja cui-da-do ha-ja cui-da-do sem mais

tardar sem mais tar-dar Toca a sa-far Toca a sa-far.

## No. 2.—MODINHA—MANEZINHO.

*Andante.*

*p* < >

A - cor - da que - ri - da do

meu co - ra - ção Vem dar in - da vi - da À min - ha paix - ão.

A lu a so - re - na de mei go bril - har

Demanso morena Te quer acordar Des - per - ta que é cedo O

teu bel - lo son - ho Eu que - ro ri - son - ho Con - tar - t'o em se - gre do.

*f*

The image shows a musical score for a piece titled 'No. 2.—MODINHA—MANEZINHO.' The score is written in a single system with five systems of music. Each system consists of a vocal line (treble clef) and a piano accompaniment line (bass clef). The tempo is marked 'Andante.' and the first system begins with a piano dynamic marking 'p'. The lyrics are written below the vocal line. The piece concludes with a forte dynamic marking 'f'.

## No. 3. - DUETO. MANEZINHO E LUIZA.

*Andantino.* MANEZINHO.  
*Marcato* Por qualquer

coi sa... oh! minha bel - la... sur - ge - te lo - go..... o ma - u

hu - mor Por qualquer coi - sa... ó minha bel - la... surge - te

LUIZA  
 lo - go .... o ma - u hu - mor. Não seja as - sim..... tão ta - ga -

rel - la.... Não queira ser..... tão fal - la - dor..... Pois a - qui

MANEZINHO. LUIZA.  
 den - tro, Pois a - hi den - tro? Pois a - qui den - tro ha muito a -

*Juntos.*

mor! Ha muito a-mor,..... Ha muito a-mor,..... Ha muito a-

*1.ª vez.*

mor,..... Ha muito a-mor...

*2.ª vez.*

Eu não du mor..... Ha muito a-mor....

### No. 4.—CÓRO. VENDEDORES DE JORNAES.

*Allegro vivo.*

*f*

Nós so - mos os vende - do - res Das ga -

ze - tas cá da ter - ra Eis os jor - na - es meus se - nhores grita.

este e aquelle berra Nós somos os ven - de - do - res Das gaze -

tas cá... da ter - ra Eis os jor - na - es meus se - nho - res gri - ta

este e aquelle berra!.....

"O Fe - de - ra lis ta" "Re - ge - ne - ra - ção" Vamos sempre

a pista de mais um tos tão.

*v* 1ª vez.  
"O Fe - de - ra lis ta" "Re - ge - ne - ra -

ção Va - mos sem - pre a pis ta de mais um tos - tão. *rall.*

*v* FALLA 2ª vez  
O "Fe - de - ra lis - ta" Re - ge - ne - ra -

ção Va - mos sem - pre a pis - ta de mais um tos - tão.

## No. 5.—COPLAS DE MALAQUIAS.

*Andante.*

*p*

Um ve-lhi-nho, bem ve-lhi-nho Qua-si sem po-der an-

dar Trope-çan-do num ca-min-ho Aum bu-ra - co foi pa-

rar. E quem o va-leu? Quem o so-cor-reo? Quem o va-leu quem o so-cor-

reo São Jo sé de Ri-ba-mar! São Jo sé de Ri-ba-

mar! ..... *D.C. 8. duas vezes.* para conclusão.)

No. 6.—CÔRO DE JOGADORES.

*Allegro agitato.*

*mf* *crescen.*

**FINE.**

Bas-ta de cor-rer! Nes-ta con-fu-

são, Quer-se já sa-ber... Qual foi o la-drao! Bas-ta de cor-

1. vez.

**ROMÃO. 2. vez.** **MANEZINHO.**

Quero já o meu dinhei-ro já já e já Quero o meu tambem.

**AUTHERO.**

li-geiro pa-ra cá! Mas quem foi que o candi-ei-ro a pa

ROMÃO. Coro.

gou! Es-se foi quem o di-nhei-ro a - pa-nhou, Sem se (dis-cu-

t .... Ha - ja lo go rolo P'ra se des-co-brir.

Quem nos fez de tolo! Sem se dis-cu - tir. Ha - ja lo - go

ro lo P'ra se des co brir quem nos fez de tolo)

*A Introdução e conclusão*

FINAL.

*Estreposo.*

*f*

## ACTO II.

## No. 1.—MANEZINHO E CÔRO.

*Allegro.*

*f*

MANEZINHO.

*p*

Sempre a rir n'es-ta fo-lia che-ga-re-mos bre-ve lá to-ca

rir ah! ah! ah! ah! Viva a paz viva a ale-gria Sempre a

rir n'es-ta fo-lia che-ga-re-mos bre-ve lá to-ca

TODOS.

rir ah! ah! ah! ah! Viva a paz! Viva a-le-gria! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Que pa-tus-ca-da ah! ah! ah! que di-ver-

são Não nos fal-ta a-go-ra nada Nes-ta so-ber-ba func-

ção! ah! ah!

## No. 2.—CHULA DE MANEZINHO.

*Moderato.*

A mu-la

tin-ha Bahiana des-hu-ma-na... E' buliçosa e fa-cei-ra

... si gin-ga n'uma cal-ça da... A gente só de danuada faz as-

rall.  
neira!... A mu-la tin-ha Bahiana des-hu-ma-na...

E' buliçosa e fa-cei-ra... si gin-ga n'uma cal-ça da

*meno.*

A-gente só de damnada faz as - nei - ra! Mu - la - ti - nha

*legato.*

bel - la não pi - ses no chão A - ca - lea a - chi -

nel - la no men - co - ra - ção.

No. 3.—CÓRO. COPLAS DO MALAQUIAS.

*Vivo.*

*Tempo de Valsa.*

Não ha na - da como a,

gen te Nes-ta bel la Mo-ro pôi a Cravar as

u nhas e o den te N'um ap-pe ti - to - sa

boi a Não ha - na da como a gen te Nes-ta

bel - la Mo-ro-pô a... cravar as unhas e o

den te..... N'u-ma ap-pé-tito sa boia..... *f* *leggero.*

E do Col-lares Beber de-pois.

Sem ter pe-zares Um trago ou dois.....

FALLA.

*Presto.*

### No. 4.—DESAFIO.

*Entrada do cearense.*

Eu cumprimento a vez to dos.....

..... des-ta bel-la re - un-i ão..... Por ter a mão na

vió la..... Não pos-so es-ten-der a mão.

MANEZINHO.

Se-ja bem vindo pa-tri - cio..... Das ban-das lá do

ser - tão..... Pa - ra ser bem re - ce bido.....

*D. C. 3 duas vezes.* ⊕

..... Não pre - ci - sa dar a mão. *f*

## No. 5.

*Allegro.*



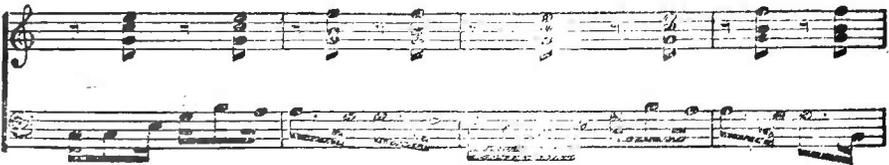
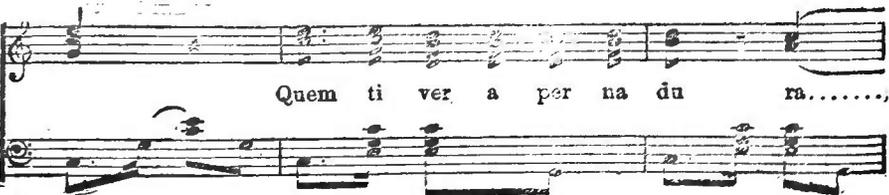
Va-mos ver as bel-las a - gu - as que cor-rem nes-te lo-gar, An-tes

*Para conclusão.*



de ver nos-so ri-co são Jo sé de Ri-ba-mar.

## No. 6.—TANGO.

Quem ti ver a per na du ra.....

Equizer que a perna es - pi che Não pen-se mui-to na,

(cu - ra..... Ca ia lo - go no ma xi - xe.)

Quem ti-ver a per-na du - ra..... Equizer que a perna (es -

(pi - che. Não pen-se mui-to na cu - ra.

Ca ia lo - go no ma - xi xe. Com tal sa -

bor..... Tão re me xi da

Dan ça me lhor..... Não ha na vi da

Coro.

vi da! Com... tal sa - bor.....

Tão... re - me xi da Dan - ça me

lhor..... Não ha na vi da!

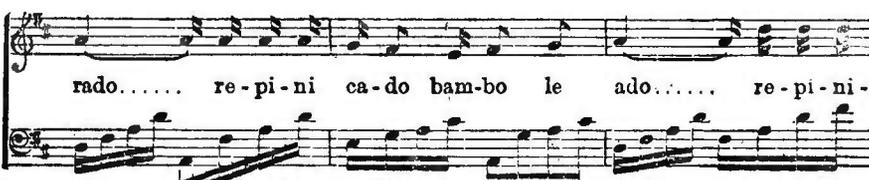
D. C. al FINE.

## ACTO III.

## No. 1.—MALAQUIAS.

*Vaguroso.* 

 No ver - da - dei - ro cho -

 rado..... re - pi - ni ca - do bam - bo le ado..... re - pi - ni -

 ca - do bam - bo le ado..... se des - lo ca o corpo as

 sim..... E a gen - te vae de mau - sinho..... de - va - ga -

ri - nho Qual um car rinho..... de - va - ga - ri - nho qual um carri -

nho..... Qual sus - pen sa num pa - tim.

tim. Bem lan gu o ro so

Bem re que bra do Na - da é gos - to -

so Co mo o cho rado!

## No. 2.—DUETO. ENTRE MANEZINHO E LUIZA.

Vino.

*f*

LUIZA.

*p* Pe rante vós, a qui ju ro  
*menos.*

MANEZINHO

Meu san - to muito ado ra - do Que em paga de amor tão

pu - ro Em breve es - tarei ca sa - do

LUIZA.

O'meu ri co são Jo - sé..... Não me haveis de casti-

## MANEZINHO.

gar... . Pois ten-ho bas-tan-te fé.....

De só el la des-po-sar.... En-tão qual num pa-ra

*Juntos.*

V. S.

i so Em casa.... nós vi ve re mos Pa-

ra isto pouco é pre-ciso..... só basta que nos a-

me mos! En-tão qual n'um pa-ra i so Em

ca sa nós vi-ve-re mos, Pa-ra isto pouco é pre-

ciso..... só bas ta que nos a - me mos!

*Vivo.*

## No. 3.—CÓRO.

*Allo. Vivo.*

Este gru - po va - lente A go ra aqui lam - pei - ro

Com - põe - se só de gente De pul - so bem cer - tei - ro

Es te grupo va - lente A gora a qui lam - pei ro

Com - põe - se só de gente De pul - so bem cer teiro.....

**CORO.** **ROMÃO.**  
..... Zás! Traz! La vae pe - drada, ah! ah! ah! ak' .....

**CORO.** **ROMÃO.**  
..... Traz! Zás! Liv - re a fa - chada, ah! ah! ah! ah! .....

Coro. ROMÃO.

..... Zás! Tras! La-vae pe - drada, ah! ah! ah! ah!.....

Coro. D. C.  $\text{♩}$

..... Tras! Zás! Liv-re a fa chada.

1ª vez. 2ª vez.

No. 4.—DUETO.

*Allegretto.*  $\text{♩}$

ROMÃO.

U - ma pa lav ra só que seja..... A pa -

menos.

les - tra eu quero ouvir..... Todo en-co-lhi do assim não

SOLDADO.

'ste - ja..... Faça o fa - vor!..... Eu não se -

nhor..... Eu não se - nhor..... A noite fez-se para dor -

mir..... Eu não se - nhor..... Eu não se - nhor..... A

noite · fez-se para dor - mir.

No. 5.—FINAL.

*Andante religioso.*

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. The time signature is common time (C). The music begins with a piano (*p*) dynamic. The upper staff features a melodic line with various intervals and a final cadence. The lower staff provides harmonic support with chords and some melodic fragments.

The second system of musical notation continues the piece. It features two staves in treble and bass clefs. The melodic line in the upper staff continues with a similar rhythmic and intervallic pattern. The lower staff continues with harmonic accompaniment.

The third system of musical notation continues the piece. It features two staves in treble and bass clefs. The melodic line in the upper staff continues with a similar rhythmic and intervallic pattern. The lower staff continues with harmonic accompaniment.

The fourth system of musical notation concludes the piece. It features two staves in treble and bass clefs. The upper staff ends with a melodic phrase that leads to a final cadence. The lower staff provides harmonic support. The piece ends with a dynamic marking of *f* (forte) and a final chord.







Interior da Ermita de S. José de Riba-Mar  
a 17 de Outubro de 1899, dia da festa do Padroeiro.



# Propaganda



# COELHO NETTO

(2.<sup>a</sup> EDIÇÃO)

---

*Homenagem da Santa Causa de Aguas a Riba- Uai,*  
**na Marcenaria S. José.**

Em honra ao insigne escriptor por occasião da festa dos  
artistas maranhenses.

**S. Luiz do Maranhão, 28 de Julho de 1899**



**14 DE JULHO DE 1899**

Nenhum esteio é mais forte, quando se trata de fundar em base sólida uma empresa qualquer, maxime as que pela sua natureza são destinadas a perdurar atravez dos seculos, attestando a vitalidade de uma epocha, do que

o acolhimento e a protecção dos grandes homens, d'aquelles que tambem têm a missão altivissima de impulsionar de geração em geração, com as tradições gloriosas dos seus nomes, o carro do progresso humano.

Por isso é que os que tomaram a si a propaganda em favor do pittoresco e saudavel arraial de S. José de Riba-Mar, dotando-o de notavel e inadiavel melhoramento, qual é o de canalisar para ali agua potavel em abundancia, hão sempre procurado n'essa gloriosa campanha a confiança das pessoas criteriosas, sobre tudo dos maranhenses amantes de sua terra natal. Eis o motivo deste pequena escripto, consagrado a commemoração do dia de hoje, do em que o eminente litterato filho desta terra: COELHO NETTO se dignou honrar com a sua presença a modesta festa dos artistas maranhenses, no seo de cuja classe nasceu, tomou vulto e progride a santa causa de Aguas a Riba-Mar.

Salve ! COELHO NETTO.

---

A commissão da empreza "Aguas á Riba-Mar", querendo ao mesmo tempo dar a Coelho Netto solenne testemunho da sua admiração e fazer com que o eminente litterato, gloria d'esta terra, coparticipasse no grande melhoramento projectado para o pittoresco arraial de Riba-Mar, mandou fazer um riquissimo livro bordado a ouro, tendo na primeira pagina artisticamente colorido o seu retrato, alim de que, antes de começar a grande subscrição que n'elle será feita, escrevesse o talentoso romancista um pensamento qualquer. Coelho Netto, interpretando perfeitamente a intenção da commissão, escreveu as seguintes eloquentissimas e brilhantes phrases:

*Em um dos hymnos fortes do povo hebreu a agua é expressivamente chamada "Benção das montanhas"*

*A poesia israelita dá esse doce nome á limpida e fresca derivação das rochas talvez em memoria do soffrimento que o povo emigrante puderam em Pharaon, o deserto arido d'areias e cardos, no qual Moysés, ouvindo o quaiar sentido dos alterados, abrandou o bruto penedo d'Horeb tirando d'elle a beneficencia de um rio d'agua.*

*Benção das altas e versudas serras, benção que pelas terras se espalha fazendo com que germine a sementeira, proporeionando ao homem feliz a delicia de ver o gado nédio do seu armento colmar o campo verde, deitado á sombra balsâmica das vigosas arvores fecundas.*

*A secca é o desespero e a esterilidade—os leitões dos correjos exhaustos transformam-se em valles funebres: onde não corre a agua não rija a folhagem, não trescala a flôr, a ave não canta, fream esquecidos ninhos e cabanas—faz-se o silencio tetrico dos sitios amaldiçoados.*

*Não permittaes que a calamidade tremenda afflija os irmãos que vivem entre palmas, nas areias adustas de Riba-Mar.*

*Dae o vosso obulo para que a benção, não das montanhas, mas dos cora-*

*ções compassivos, benção que refrigera e fecunda, chegue, levada pela mão da caridade, aos que, diante do mar largo d'aguas verdes e abundantes, soffrem como Tantalo o incerravel supplicio.*

*Daê de beber aos que tem sede, e, praticando a obra de misericordia lembrai-vos de que Deus remunera todos os beneficios e corresponde com a graça a todas as Escolas.*

*Maranhão, 16 de Julho de 1899.*

*Goelho Netto.*

POESIA INTITULADA

## SÃO JOSÉ DE RIBA-MAR

*e extrahida das —TRES LYRAS—magistral volume de  
poesias dos festejados escriptores Trajano Galvão de  
Carvalho, A. Marques Rodrigues e G. H. de Almeida  
da Braga*

Offerecida pela Aiyorada para ser distribuida no arraial de

### São José de Riba-Mar

*pela commissão encarregada de introduzir alli o impor-  
tante melhoramento da canalisação d'agua.*

**Em 6 de Outubro de 1895**

(Lenda de antigas eras)

---

Se quizerdes ouvir uma historia  
Do bom tempo, que morto já é,  
Vou contal-a tal como a memoria  
D'este povo guardou-a com fé.  
Não é mytho, mas vera legenda  
De um successo, de cousa estupenda,  
Serio caso de muito patinar  
Nao mentira, verdade sincera  
Este facto, que out'ora se deza  
Para gloria dos Santos de altar.

Toda a vossa attenção será pouca:  
Quero tê-la e o silencio maior.  
Que nenhum d'entre vós abra a bocca  
Por fallar quando falla o cantor.  
Não é d'homens a lenda, que agora  
Vou contar-vos, pois ella memora  
Dois milagres que fez S. José.  
Santo foi de prodigios immensos !  
Bem merece queimar-se-lhe incensos,  
Que inspira a mais valida fé.

Escutai: um navio veleiro,  
Creio ao certo que foi Portuguez,  
Demandava o torrão Brasileiro,  
Ha bem annos, ha seculos talvez.  
Vinha em busca de um porto nascente,  
Que foi sen, mas que a bellica gente  
Fez render-se ás bandeiras de liz;  
Que depois, conquistado de novo,  
Foi asylo de Affonsido povo,  
Tendo o nome do Franco S. Luiz.

Do navio o piloto ignorante  
Por caminhos errados seguiu,  
Quando, envolto n'um mar arrogante,  
Entre duas bahias se viu.  
Toma à esquerda no rumo sabido  
E com pasmo julgou-se perdido  
Por ter visto o navio bater  
Sobre um sêcco de areia trahidora,  
Que, em baixando a maré, surge fóra,  
Vindo ao pé do canal fenecer.

Era o vento bem fresco, bem duro,  
Era crespo, era indomito o mar;  
Tinha o céu o cariz muito escuro,  
E o trovão tinha crebro estrondar.  
O navio, adornado e fendido,  
Roto o leme, de velas despido,  
Já cedia do mar ao furor.  
Foi então que a maruja assustada  
Fez promessa bem crente e sagrada }  
Dos bons Santos de altar ao melhor.

Se o perigo ao navio cessasse  
E podesse elle avante seguir  
Até onde seguro ancorasse,  
Posto aos ferros da prôa a cair,  
Do bom Santo, que foi pae de Christo,  
Só em nome, sabei-o, está visto,  
Mandáriam nma imagem buscar,  
Para ser collocada na ermida,  
Que elles viam na ponta atrevida,  
Que alli cresce e se enterra no mar.

Mal o voto foi feito e jurado  
Tudo á calma, á bonança voltou.  
Fez-se um lago o mar alto e cavado,  
Vento rijo—tufão que passou:  
Já no céu brilha o sol scintillante.

E o navio, apressado n'um instante,  
Arfa e joga sem p'riço já ter.  
Segue infans, caminho direito,  
Passa o mar, passa rapido o estreito,  
Corta as ilhas e o porto foi ver !

A maruja era gente chrismada,  
Não de filhos incercos do Alcorão.  
Cumpriu prompta a promessa jurada  
Para gloria do povo christão.  
De Lisboa uma imagem foi vinda,  
Mui perfeita, bem grande e mui luda,  
Viva copia do bom São José.  
Foi levada á capella que alyveja,  
Como mtida e candida igreja,  
Pharo augusto a quem impio descrê.

Desde então foi votada no seu culto,  
Fe o nome do santo tomou.  
Alli está, alli mostra o seu vulto  
Como a garca, que em terra pousou.  
Pelo nome do santo chamada,  
Foi a ponta no mar levantada  
Mais a larga bahia tambem.  
De um milagre tão grande como este  
Guarda o povo a memoria cefeste.  
Pois que n'elle a maior creença tem.

Mas, aqui não se acaba o meu conto,  
Que inda tinha uma cousa a dizer.  
Já suppunheis que eu ia bem prompto  
Final ponto ao meu conto fazer ?  
Nada, nada: prosigo na historia  
Pois que o sancto ganhou mór victoria  
No seguinte milagre que fez.  
Vou contal-o e prometto ser breve:  
Quem quizer agradar no que escreve  
Deve as cousas dizer de uma vez.

Posta a imagem na candida ermuda,  
Tendo velas em torno do altar,  
Por alguem foi d'alli conduzida  
Alta noite para outro logar,  
Era este a matriz de uma villa,  
Que, d'alli bem distante, tranquillã  
Começava a brilhar de esplendor.  
Traça foi de um christão invejoso  
Por julgar que o mais commodo pousou  
Era ao Santo n'um templo maior.

Por milagre passou este caso,  
(Todo o povo da villa o jurou,  
D'este ensejo, ou, se quereis, d'este azo  
Hoive alguém que um partido tirou.  
Disse logo que a villa devia  
Ser chamada do—*passo*—que havia  
Feito a imagem do Santo José  
Foi feliz esta santa lembrança ! :  
Deu-se logo a mais séria trigança  
Em fazer-se o baptismo com fé

Mas o santo de genio teimoso,  
Bem querendo esta fraude punir,  
Sai da igreja por tempo invernosso,  
Sem que um astro estivesse a luzir.  
Lá da ermida vai certo caminho,  
Firme avança, prosegue sósinho,  
Tê que á ponta chegou alinal.  
Diz a lenda que vinha suado,  
Que trazia o roupão bem molhado,  
Pe descalço por vero signal.

Novo pasmo, milagre de novo !  
Este, sim, foi bem graude, oh, se foi !  
Qual se um homem nascesse de um ovo,  
Ou sahisse a montanha de um boi.  
Mas, aquelle, que ousára a principio,  
Sem deixar uma sombra, um indicio,  
O mais leve vestigio sequer,  
Dar ao facto a mais celebre origem,  
Foi tomado de ardente vertigem,  
Novo roubo jurou de fazer.

Era um sério e renhido combate  
Entre as forças do homem e de Deus.  
Céo e terra n'um rígido embate,  
Lucta altiva entre a terra e os céos.  
Outra vez foi a imagem arrancada  
Lá da ermida, a matriz foi levada  
Por mãos cegas de um cego christão  
Nos dou-lades nasceu a pófia,  
Qual dos dou-pretendos sera  
Para armento do tanto varão.

D'esta vez resolveu-se na villa  
Ter em guarda, em custodia o altar.  
Parte d'ella dormia tranquilla,  
A outra parte alli estava a velar.  
A suspeita morada fizera

N'essas almas de crença sincera  
Porque andazes cuidassem de tal,  
Mas, da crença que a todos queimava,  
Que de um fogo celesste abrasava  
Era ou não este um certo signal ?

E' preciso fallar a verdade,  
Tudo em vão, tudê embalde se deu.  
Já triumphá a viril divindade,  
E' de Deus o brilhante trophéu.  
Mesmo á vista dos guardas pasmados  
Do altar saí por um dos dous lados  
Firme o passo, o cajado na mão,  
Nossa imagem sagrada e divina,  
Tendo a c'roa que a fronte illumina  
Com soberbo e brilhante clarão.

Saí da igreja, dirige-se á estrada,  
Precedida de archanjos a mil.  
Era a terra de mais aclarada,  
Coro d'anjos um canto gentil.  
Tinham elles as azas brilhantes,  
Livres, soltas, batendo incessantes,  
Qual se aos astros quizessem se erguer.  
Assim foi que em brilhante romagem  
Turba d'anjos e os guardas e a imagem,  
Tudo á ermida depressa foi ter.

Desde então ficou sendo a capella  
Certo asylo do santo José;  
E que em frente uma nítida estrella  
Diz' que sempre brilhante se vê.  
O logar é por certo aprasivel.  
Tudo allí é de um bello indisivel.  
Move as almas e os bons corações.  
Tudo falla de Deus n'um concerto,  
Já das ondas o campo deserto,  
Já nos uattos do vento as canções.

Se allí fordes sósinhos um dia,  
Tendo alguma promessa a cumprir,  
Bem fareis a fiel romaria,  
Nada, nada tereis que sentir.  
Levai cêra, não crua, mas benta,  
Algun quadro em que o santo se ostenta,  
Ponde velas em torno do altar.  
E depois... já váe longa esta historia;  
Do milagre aquí fica a memoria,  
Dou licença, podeis já fallar.

# AGUAS PARA RIBA-MAR

## A' população de São Luiz

---

Vinde ! Deitai no cofre a vossa esmola !  
E' para a sede mitigar, dorida,  
Aos que da Ilha demandando o extremo  
Chegão cansados á longinqua ermida.  
Deixai que caia entre os vintens do pobre  
O que quizerdes ou poderdes dar,  
Que ella concorre para a santa empreza  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar.

Pouco que seja... nada importa... dai-a...  
Aqui se aceita o que a pobreza tem:  
Do pobre a esmola é como a prece augusta -  
Que d'alma as nevoas irrompendo vem...  
Traz da virtude a perfumada essencia,  
Balsamo doce de um valor sem par,  
E esmola a esmola dará vida á empreza  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar.

Vinde ! Chegae-vos ! Na pequena bolsa  
Mettei alegre a bemfazezja mão,  
E uma moeda sobre o cofre role.  
Onde outras muitas esperando-a estão.  
Venha do povo o fraternal concurso !  
Almas piedosas vinde aqui prestar  
A vossa esmola que vigore a empreza  
Que as «aguas» leve para Ribã-Mar.

E' longa a estrada que conduz á ermida,  
Que á heira costa—como um guarda alerta  
Aos nautas lembra que na flôr das ondas  
Deus os protege com a attenção desperta.  
Quando o romeiro lhe chegando ao termino,  
Morto de sede e mal podendo andar,  
Ah ! quantas vezes não bemdiz a empreza  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar.

Lá na aridez da ribanceira inhospita  
Que o mar fremente de continuo agoita,  
Em qualquer tempo, devotada e humilde  
Turba de crentes, ao chegar, pernoita,  
Antes que o sol o seu calor derrame,  
Lançando ao templo um derradeiro olhar,  
Ella se affasta—por não haver a empreza  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar.

E vem cansada pela estrada afóra  
Buscar um pouso n'um lugar distante,  
Onde alto dia tenha a lymphá ao lado  
E a sede mate, p'ra seguir avante,  
Mal o cansaço lhe disfarça o somno,—  
Exhausto ainda do penoso andar,  
Poz-se em caminho—por faltar a empreza  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar.

São sete leguas, a vencer de novo,  
São sete leguas de mortal fadiga,  
Sendo o repouso desfructado apenas  
O d'uma noite no lugar da ermida...  
Vós que já andaste, por um sol de estio  
Grandes distancias sem jámais pousar,  
Julgai do crente e dai esmola á empreza  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar.

Talvez ainda vos reserve a sorte  
Irdes ao templo á Riba-Mar erguido  
Levar constricto o vosso culto ardente  
Por um milagre que tenhaes pedido...  
E caminheiro de jornada longa  
Quanto conforto vós haveis de achar,  
Gozando o fructo dessa empreza nobre  
Que as «aguas» leve para Riba-Mar ? ...

24 de Outubro de 1895.

—Esta miniosa poesia de um illustrado personagem, que continua exigindo sigillio sobre o seu nome, foi extrahida do jornal "Pacotilha" de 14 de Janeiro de 1896.

# Recordação

*do dia 20 de Março de 1898, quando foi inaugurado o serviço de encanamento de agua potavel de Moropoia á*

**S. José de Riba-Mar**

**Cidadãos !**

Mais uma vez teve solemne consagração o dicto do grande auctor latino:—LABOR IMPROBUS OMNIA VINCIT. Poderá haver um anno e talvez bem poucos d'entre vós pensasseis em vir a ser tão breve testemunhas do inicio d'esta obra, que ha muitos parecia uma utopia.

Deixando de parte as duvidas de uns, a incredulidade de outros e até os sarcasmos de muitos, a Commissão encarregada deste grande melhoramento proseguio impavida no desempenho do seu dever e pode hoje ter a satisfação de vel-o em parte já realisado. E' signal de que acima de tudo está o esforço humano, quando guiado pela convicção e pelo desinteresse, no tentamen de qualquer obra humanitaria e digna, como é esta.

Resta agora que o povo, a quem principalmente tem sido dirigido o appello em prol d'esta nobre causa a coadjuve, como merece sel-o, afim de poder ser de todo acabada.

A Commissão, confiada na generosidade de todos assim o espera, e agradece, penhorada, o concurso espontaneo da população.

**Moropoia, 20 de Março de 1898.**

---

Oh desertos do Oreb !... vós, testemunhas do milagre famoso—o petreo monte ao toque, apenas, de delgado lenho aguas vertendo limpidas, serenas, que ao povo de Israel, sedento, fartem : não podeis mais gabar-vos do prodigio ! — **Riba-Mar**, onde o Sol, igneo gigante do sacro promontorio (1) os lenhos cresta

---

(1) São José de Riba-Mar.

e as palpitantes visceras 'scaldando-lhe  
o humor vital lhe sorve, á sêde o mata:  
— **Riba-Mar** hoje ufano, prasenteiro  
ergue risonho o rosto; aos pés brotar-lhe  
presente, em breve, caudalosa fonte !...  
Esforço humano !—que balizas traças  
ao teu impulso, quando esporeado  
do amor da humanidade o collo empinas ?  
Do céu, da terra, do Universo as raias  
peias são para ti !— Si errantes ares  
— tôlos !— se oppõem á lucida sciencia (2)  
de aureos mundos que além vagam no espaço,  
poderoso instrumento inventas, ergues, (3)  
lá mesmo os medes, suas leis declaras  
e do infinito o paramo devassas !  
Si de um pólo a outro pólo te separam  
fundos abysmos de ululantes aguas,  
o vapor prendes; insultado, o instigas  
a mover-se e eis, de prompto o dorso immenso  
do Oceano, de barcos retalhado,  
ao silvo do detento a coma errica ! (4)  
Si a ti se antolham naturaes tropeços,  
invias florestas, areiaes adustos,  
medonhos antros—furioso investes  
e n'um momento transformados, sargem  
ao teu influxo esplendidas cidades !  
em Veneza, em Pariz, Hollanda fertil  
em Petersburg 'tê charcos transfiguras !  
Mas:—si terra, si mar, si céos immanos  
de ti ciosos nos escuros bojos  
da distancia o segredo te cancellam  
com que os homens separam, que não se ouça  
n'um só momento a voz da Humanidade,  
então em Franklin, em Edisson te encarnas;  
invisível poder, irmão do raio (5)  
desencavas, subjugas e eil-o rapido  
pelo fio subtil se derivando...  
Já n'um instante pensamentos trocam-se  
de um mundo a outro ! ouvem-se palavras, (6)

- 
- (2) A Astronomia.  
(3) O telescópio.  
(4) A navegação a vapor.  
(5) A electricidade.  
(6) O telephono e o phonographo.

harmonias se cantam, se transportam !...  
—Quem, pois, te pôde derribar vencido,  
humano esforço ? E's quasi a Divindade !...  
E como agora desistir do intento ?  
Como, pois, deixar arido, inclemente  
**Riba-Mar**, o jardim da Natureza,  
onde espontaneas, candidas rebentam  
do symbolo da innocencia as meigas flôres ? (7)  
—Não ! melhor fôra nunca ter sonhado...  
Rompam-se, pois, os velhos preconceitos !  
Brotem em **Riba-Mar** perennes fontes !  
Vença mais uma vez o esforço humano !...

L. DAMASCENO.

---

(7) Em Riba-Mar brotam espontaneamente durante os mezes de janeiro e fevereiro, e em grande profusão, lyrios agrestes e muitas outras flores.

# **A Santa Causa das Aguas a Riba-Mar**

*tem o prazer de offerecer ao publico a grandiosa e inspi-  
piradissima poesia, burilada pela brilhante penna do  
Exm. Snr. Dr. Conego LEOPOLDO DAMASCENO  
FERREIRA, um dos maiores patronos da popular  
Empreza.*

---

## **MEDITAÇÕES EM RIBA-MAR**

**A Antonio Lobo**

8 de Outubro

---

Lua cheia de Agosto. Em flanco a velha Ermida  
Alva, seismando á sós, no cimo do rechêdo,  
O triste cemiterio, em cujo centro erguida,  
Recorta em negro o céu azul, a Cruz. Com mêdo.

Ha muito se calaram as aves e as creanças  
Só môchos piam aqui, ali, funebremente;  
Si não é que, a sonhar com matinaes folganças,  
Tatala um gallo, canta e dorme novamente..

Mas quanto enlêvo ! quanto ! n'esta noite clara !  
Sente-se o frio bom do orvalho... afflando, o vento  
Cheiros da selva entorna e a onda, que não pára,  
Canta na praia branca um psalmo ao firmamento...

Mais longe, o grande mar—onde brincam fulgentes  
Raios de estrellas mil e fitas de luar...  
Palmares rumorejaram e nas fundas vertentes  
Medram flôres .. e como é puro e ameno este ar !...

E eu, sem saber porque, nem como, os olhos cravo  
No sitio do pavor, uma a uma contando  
As campas que o luar pratêa—quasi escravo  
D'aquella solidão ! De côr vou recitando

Os nomes dos que lá jazem eternamente:  
—Aqui o de um ricoço,—ali o de um pedinte;  
—Além o de uma virgem—e, mais além, em frente,  
O d'uma prostituta...—Acaso, ou foi acinte ?

E a todos,—creancinhas, velhos, mães piedosas,  
Orphãos, moços, na flôr da vida já ceifados:  
Vejo através do tempo e sinto dolorosas  
Emoções—ora, pena, ora, horror... Ai ! coitados !...

.....

—E quem pode ahí dizer que mysterio é esta vida ?  
É que mysterio é a morte ! Sério, que mais val:  
Viver entre paixões ?... que vida mal soffrida !  
Morrer e descansar, inscio de bem, do mal ?

Viver !... amar, sentir, gosar, fazer venturas,  
Pensar, ter esperança e sonhar com o porvir,  
Ouvir aves cantando; olfar essencias puras,  
E vêr do grande mundo o eterno evoluir !...

—Morrer !... tombar gelado, inerte, mudo, cêgo;  
Nunca mais levantar ! nunca mais !... e saber  
Que dentro em pouco ahí, n'aquelle escuro pègo,  
Só vermes haverá... uma ossada... o não sêr !...

Nunca mais um sorrir d'aurora ! nunca mais  
Uma noite estrellada !... uma canção maviosa !...  
Um sonho... um coração, para amar seus eguaes,  
A benção de uma mãe... carinhos de uma esposa !

.....

Riquezas collossaes—p'ra que servis no mundo ?  
Orgulho torpe e vão—tão fôrte n'esta vida :  
—Onde está teu poder, quando chegas ao fundo,  
D'aquelle lôdo vil da ultima guarida ?

E tu, Razão, e tu, que tão afflouta prégas  
Da sciencia o prestigio e que dizes qu'alem  
D'aquelle pó mais nada existe; tu, que negas  
A alma e a outra vida, vem dizer-me, vem :

—Para que trabalhar, p'ra que amar na terra ?  
P'ra que ser justo e bom a custa de soffrer,  
Si tudo ali se acaba e tudo ali se encerra :  
O vicio e a virtude, honra, crime e dever ?

Mas, não ! eu creio, eu sinto que não é assim,  
E que existe em meu sêr o que quer d'immortal...  
Não ! não é possível, não ! que aquillo seja o fim...  
Não ! .. do contrario fôra a vida o peor mal !..

L. DAMASCENO.

Maranhão, Outubro 1899.

Para lembrança  
da inauguração e benção do segundo reserva-  
torio de aguas para  
**S. JOSÉ DE RIBA-MAR**  
**EM MOROPOIA, AOS 19 DE MARÇO DE 1899.**

---

ROMEIROS :

E' com indizivel jubilo que solemnemente inauguramos hoje o segundo e grande reservatorio que tem de em breve fornecer ao pittoresco e saudavel arraial de S. José de Riba-Mar a mais pura e deliciosa agua, cuja ausencia ali constituiu sempre um dos mais serios obstaculos ao povoamento e progresso do lugar.

Não têm sido estranhos aos que estão á testa d'essa patriotica empresa, os sacrificios, os dissabores e até essa tristeza que sente o homem honrado ao vêr-se preso da maledicencia e da má vontade, sobretudo se ellas partem de pessoas que deveriam ser as primeiras a acoçoar os animos e alentar as esperanças do publico. Conscios, porém, de que taes cousas são por via de regra, desde a mais alta antiguidade, inherentes a todo grande commettimento e até constituem, para assim dizer, a primeira herança de quem trabalha pela humanidade, elles não afrouxarão do seu nobre e elevado empenho e contam mais uma vez, auxiliados pelo generoso concurso dos bons cidadãos, vencer todas as difficuldades e de ver em breve coroados do mais brilhante exito os seus ingentes esforços.

Coragem e fê no glorioso Patriarcha em cuja honra principalmente se funda a dedicacão dos respectivos membros da commissão da generosa empreza de Aguas a Riba-Mar.

Depositado na Caixa Economica caderneta n. 14056  
atè 31 de Maio de 1900 — Rs. 5.372\$974.

*Depositado até de 1897 em poder do primitivo thesoureiro Barreiros  
—Rs. 3.000\$000—*

Para a aquisição de 2000 metros de calhas de cantaria e da construcção de um depósito paralelo á Riba-Mar— Duas machinas para elevar as aguas dos reservatorios em Moropoia ao encanamento respectivo etc., etc., chafarizes, no arraial, e abeira mar tambem. Conta-se com os seguintes elementos:

- 1.º Os donativos directos e espontaneos, esperados da parte de todos que amam RIBA-MAR.
- 2.º Os beneficios obtidos das companhias de theatros e circos, etc
- 3.º O producto dos cofres expostos.
- 4.º O rendimento dos bazares e *malimés*.
- 5.º Da proxima visita do--Cofre Infantil-- ao interior do Estado nos logares Ribeirinhos.
- 6.º Do producto da venda dos--Milagres de S. José de Riba-Mar

**Haja justiça e faça-se a luz**

**A Cesar o que é de Cesar**

**ROMEIROS:--**Ide a Moropoia apreciar os grandes reservatorios contendo mais de 150 pipas das bellas aguas destinadas a RIBA-MAR.

Ali encontrareis engravado na respectiva columna do primeiro reservatorio, UM FORNIDO COFRE DE FERRO, ESPERANDO OS VOSSOS AUXILIOS para o proximo encanamento dos **2000 metros** de calhas de Cantaria, e ainda mais, a construcção de uma soli la **Caixa d'Agua**, parallella ao arraial de S. JOSÉ e um chafariz no termino do encanamento a beira-mar.

**Attendei** que, quem **DIRECTAMENTE** dêr á sobre empresa das Aguas, certamente dará á **S. José**, porem quem suppuzer que, dando ao cofre da Igreja, dá á Santa Causa, engana-se completamente, e aquelles que **desejarem** concorrer para o humanitario **ABASTECIMENTO** das Aguas dirija-se na capital ao respectivo Thesoureiro honrado negociante o Sr. Manoel José Maia, cujos reaes serviços estão bem patentes aos olhos dos mals descrentes; foi elle em pessoa, quem dirigio os trabalhos da construcção dos reservatorios, o primeiro em 1898 e o segundo em 1899.

Assim fallando-se sem o menor vislumbre de egoismo, em relação a outra commissão zeladora da Ermida, cumpre-se um sagrado dever esclarecendo as vossas idéas; e para justificar que, quem dá ás Aguas dá á **S. José**, motivo porque julgamos justo e digno de transcripção o seguinte donativo em homenagem a Santa Causa e honra a

**S. JOSÉ DE RIBA-MAR**

# A Santa Causa d'Agua a Riba-Mar

Sempre em progressivo conceito

RS. 500\$000

**Edificante exemplo! O querer é poder!**

Ainda ha poucos dias noticiavamos um valioso donativo feito por um grupo de amigos e protectores da sublime Causa de Agua a Riba-Mar: hoje jubilosos voltamos a dar publicidade a outra importante offerta para aquelle bellissimo e humanitario desideratum, de mais uma distincta maranhense, amante da sua terra natal, residente em Maranhão—A Exma. Sra. D. ELIZA FRAZÃO PERDIGÃO, presada esposa do illustrado e digno Dr. Raymundo da Silva Perdigão.

Esta respeitavel senhora, desejando render homenagem ao Glorioso e Excelso **S. José** de Riba-Mar e cumprir um voto religioso, acaba de offerrecer a quantia de quinhentos mil réis a sublime Causa de Agua a Riba-Mar, que tão caloroso enthusiasmo, prestigio e sympathia há conquistado de todos os corações bem formados.

A especial commissão cujo Thesoureiro é o Sr. MANOEL JOSÉ MAIA, promotora do grandioso tentamen, registra a acção tão meritoria que vem de fazer aquella nobre senhora, em prol da justissima Causa de Agua a Riba-Mar, que devido ao favor popular será em breve por completo realisada, e para o que repetiremos sempre:

«Venha de todos o fraternal concurso» em honra a S. José de Riba-Mar.

Da *Pacotilha*.

---

Da “Pacotilha” de 8 de Agosto de 1898, extrahimos o seguinte conceito, que muito honra a sua illustrada Redação, a qual, antes e depois, outros honrosos conceitos fez a Santa Causa e assim mais o “Diario” e “Regeneração” :

...“O tentamen de canalisar as aguas de Moropioia para S. José de Riba-Mar venceu já as barreiras que fazião descer da sua realisação. A maneira como vae sendo guiada a propaganda, as providencias já tomadas em favor das Causa, e varias outras circumstancias contribuiram para se tomar ao serio esse commettimento, que, não ha duvida, a não ser abandonado pelos que a elle se dedicão presentemente, será dentro em poucos annos uma brilhante realidade.”...

## Aguas a Riba-Mar

O abaixo-assinado, thesoureiro da humanitaria empresa de Aguas a Riba-Mar, retirando-se temporariamente para a Europa, foi por deliberação dos mais membros da respectiva commissão authorisado a entregar ao seu socio e amigo o sr. Alberto Ramos a thesouraria da Santa Causa, cujo cargo, de bom grado, aceitou.

Declara que, de 1898 até 31 de Maio p. passado, a empresa tem depositado na caixa economica (afóra alguns juros a contar-se) a importancia de rs. 5.372.974, cinco contos trescentos e setenta e dois mil novecentos e setenta e quatro réis.

Espera vêr progressivamente augmentada e chegar ao valor das obras do encanamento de cathas de eutaria. Saiba o respeitavel publico que nunca foi retirada da caixa economica quantia alguma, e se não fora a bem meditada propaganda, que prodigios tem feito dispendo os animos a correrem voluntariamente ao auxilio da singular empresa, então muito menor seria o deposito feito, apesar de reconhecidos enganos havidos por parte de pessoas que no empenho de auxiliar o inadiavel melhoramento, tem feito seus donativos pecuniarios á commissão zeladora da Eruida, suppondo que assim correspondem ao appello feito, pela commissão que promove tão grande elemento de vida.

Com tudo isso, ambas hão de ser satisfeitas, nos seus intituitos.

Espera mais que seja brevemente conseguido por philantropico engenheiro o levantamento da planta geral e orçamento das obras para o encanamento projectado.

Terei na maior consideração o cuidado de chegar a conhecer os materiaes que forem precisos, e seus valores inclusive o frete.

*Manoel José Maia.*

Maranhão, 22 de Junho de 1900.

---

Homenagens



## Americo Azevedo

O estimavel maranhense, cujo nome encima este limitado e justo manifesto, chegou a Riba-Mar em 18 do corrente acompanhado de sua extremosa familia e desde o desembarque até a casa prompta a recebel-o foi cercado de todos os cuidados os quaes sempre em augmento pelas familias dos srs. Manoel José Maia e seu digno socio Conrado; estes srs. prestaram relevantes serviços até os ultimos momentos de baixar a sepultura o cadaver de Americo Azevedo; o sr. Raymundo Pedro Machado e o Revdm. sr. padre Gervasio fizeram o que humanamente foi possivel naquellas alturas; o sr. Lino Sachristão—mui bondoso, se manifestou tambem.

No centro do novo cemiterio ao lado de uma palmeira foi entregue a terra o pranteado auctor dos Milagres de S. José de Riba-Mar. Deus se com-padeça de sua alma e os homens de sua familia.

Extrahido do jornal—*Pacotilha*—de 28 de Março de 1900.

## Americo Azevedo

Quem diria que Americo Azevedo escrevendo ainda ha bem pouco tempo a chistosa comedia intitulada «O Fim do Mundo» e logo em seguida «Os Milagres de São José de Riba-Mar» teria depois de vêr o mundo se findar lá em São José de Riba-Mar !

Foi lá que no dia 24 do mez passado deixou de existir aquelle moço de tanto talento.

Americo Azevedo era 1.º escripturario da nossa Alfandega e sabia honrar a classe a que pertencia pela lucidez do seu espirito.

Si não era nenhuma notabilidade, é certo que podia sel-o se quizesse. Mas o seu genio folgazão oppunha-se á severidade de um estudo arido, complexo como é o das leis. A sua legislação era toda de raciocinio: pensava, discutia e quasi nunca errava.

Para Americo Azevedo nada era difficil, pode-se dizer que trabalhava brincando.

Alem de funcionario publico era elle um excellente comediographo. Que imaginação fertil ! Engendrava qualquer comedia fumando um cigarro, conversando, rindo-se. E o mas para admirar é que muitas vezes sommando as parcellas de um caixa dizia-nos—que estava feliz, tinha feito alguns versos, achado boas rimas, mas com os diabos ! ainda não tinha podido escrevel-os.

Sempre fomos de parecer que Americo Azevedo podia ser um escriptor brasileiro de primeira ordem, collocar-se no mesmo plano de seus dois irmãos Arthur e Aluizio se estivesse como estes num centro maior e de mais actividade para as letras. Esta verdade lhe repetimos algumas vezes, ao que sempre respondia-nos entre boas fumaradas:—Ora qual ! eu nasci para o Maranhão.

E de facto; o Maranhão que foi seu berço tambem foi o seu tumulo.  
A' sua memoria uma saudade.

Extrahido do jornal—*Revista Elegante*—de 1.º de Abril de 1900







## Ao Leitor.

*A Comissão abaixo assignada, unica que promove os meios de abastecer de agua potavel o pitoresco arraial de S. José de Riba-Mar, para uso gratuito do povo, tem a immensa satisfação de apresentar ao publico o precioso livro.—OS MILAGRES DE S. JOSÉ DE RIBA-MAR—que tão expontaneamente lhe foi cedido pelo auctor, como o prova a declaração feita no principio d'este trabalho.*

*Vae elle enriquecido de bella musica, composição do distincto maestro maranhense Ignacio Cunha e de optimas photogravuras copiadas das photographias que gentilmente offereceu á Comissão da empresa o habilissimo photographo paraense o sr. Gaudencio Cunha, estabelecido nesta capital.*

*A Comissão espera geral accitação d'esta sympathica obra e a breve esgotação da sua primeira edição, cujo producto, não só d'esta como das outras que lhe hão de seguir, será reunido ao capital de 5.372\$974, já recolhido na caixa economica, caderneta n. 14.056, d'esta capital, afim de brevemente poder continuar a obra já começada, bem como mandar vir de Lisbôa o encanamento de calhas de cantaria, etc., etc.*

*Para dar uma idéa, aos que não conhecem, do que foi e do que é o arraial de S. José, acompanha este livro um historico d'aquelle logar.*

*Desnecessario seria, pois, recommendal-o, desde que para elle concorreram pennas já de ha muito conhecidas no mundo litterario: elle por si só se recommenda.*

*A Commissão espera o bom acolhimento d'esta obra para brevemente ter logar a sua segunda edição, tal é o desejo que alimenta de poder, o mais cedo possivel, chegar ao fim unico a que se destina.*

*S. Luiz, Junho de 1900.*

*José Maria de Castro Gonçalves—P.*

*João Luiz da Silva—Secretario.*

*Manoel Jose Maia—Thesoureiro.*

*Arnaldo João da Rocha.*

*Jayme Ferreira de Souza.*

*Francisco Ferreira Rabello.*

*Benedicto Marcellino Serra.*

*Filomeno Pedro Borges.*

*João S. Domingues da Silva Filho.*

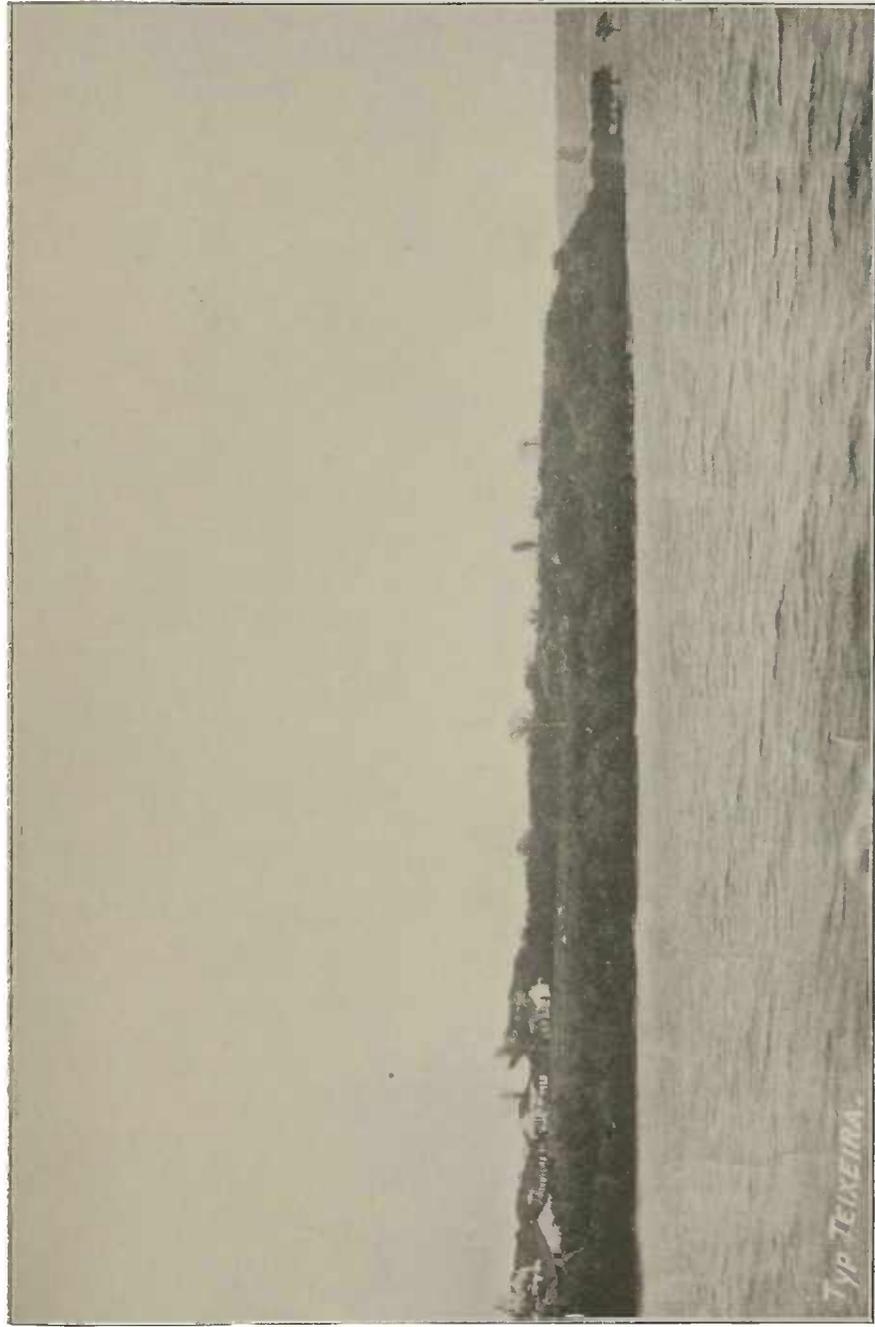
*Marcellino Valle d'Assumpção.*

*Filomeno Victor Vieira.*

*Mamede Augusto da Silva.*

**S. JOSÉ DE RIBA-MAR**





Vista geral de S. José de Riba-Mar tirada da bahia do mesmo nome.



# Apontamentos historicos sobre São José de Riba-Mar.

Alem do que sobre o logar de S. José de Riba-Mar disse, no seu excellente "Diccionario Historico do Maranhão", o illustre sr. Dr. Cesar Augusto Marques, pouco, ou quasi nada se pode acrescentar que melhor sirva para esclarecer-lhe a origem, o povoamento e primitiva edificação.

Eis o que a tal respeito diz o escriptor maranhense :

‘ **S. José de Riba-Mar.**—Tem este nome uma capella, distante da capital 7 legoas, edificada na extremidade da ilha do Maranhão, que tem em frente a *bahia de S. José*.

Foi em seu principio aldeia de indios gamellas, provida de parochio ou missionario em 2 de julho de 1757 até o dia 5 de agosto do mesmo anno, em que abi foi o governador Gonçalo Pereira Lobato e Souza em companhia de varias pessoas, e em presença do padre jesuita José Vellez Vidigal, que ahi residia, declarou que, conforme o alvará com força de lei com a data de 7 de junho de 1755, removia os regulares da administração temporal d’ella, restituia aos indios a liberdade de suas pessoas, e elevava esta aldeia á categoria de *lugar* com a mesma denominação.

Soube o governador não haverem terras algumas pertencentes à dita aldeia, por se achar dentro das terras dos religiosos da companhia de Jesus, concedidas por datas e sesmarias, alem d’outros titulos antecedentes, pelo governador d’este Estado Francisco Coelho de Carvalho, em 16 de dezembro de 1627, as quaes foram demareadas e tombadas havia pouco tempo pelo ouvidor Mathias da Silva Freitas em virtude da provisào de 13 de março de 1729, pela qual constituiu-o sua magestade Juiz do tombo de todas as terras d’estes padres, como tudo lhe constou dos autos do mesmo tombo, apresentados pelo dito ouvidor.

Não obstante isto, não tendo os indios terras proprias para sua cultura, entendeu o governador, que era necessario adjudicar-lhe qualquer terreno, embora fosse dos padres da companhia, ou de outras pessoas, sem embargo dos titulos, que tivessem, e tudo isto em execução da real ordem de sua magestade, de 6 de junho de 1755.

Para este fim mandou chamar á sua presença os *louvados* seguintes : João Ferreira Andiroba, Theodoro Amado Annes, Theodosio da Silva, e Francisco Xavier Correa, aos quaes, sob o juramento dos santos evangelhos, pedio que marcaessem terras, quanto bastassem não só para subsistencia dos actuaes indios, como tambem para a de cem easaes, que pretendia introduzir n’este lugar.

Os *louvados* foram mais longe do que lhes fôra pedido, pois marcaessem terras para a subsistencia de 200 casaes durante um seculo, como se vê do termo lavrado pelo tabellião Bernardo Marques de Mattos no dia, mez e anno da creação do lugar.

Presentemente esta capella é filial á de S. José do Lugar dos Indios, e está na parte oriental da dita freguezia.

É tradição corrente que em seus principios tivera ricas alfaias, vasos e adornos de ouro e prata, oferecidos pelos fleis que ali vinham em devota romaria.

É tão verdade é que, em 15 de junho de 1825, o vigario geral José Constantino Gómes de Castro nomeou ao revd. padre José João Beckman e Caldas "para proceder inventario da prata, móveis, e mais cousas que fóssem do uso d'esta igreja. á vista da má arrecadação das suas alfaias".

Tudo isto desapareceu por occasião da *balaiada* em 1839.

Hoje as alfaias, a capella, e a casa dos romeiros estão, pelo seu lamentavel estado, implorando a caridade dos devotos para que de todo não se destruam.

Diz *Chateaubriand*—O viajante que visita um paiz deve ter presente as suas tradições; e, por isso, vamos narrar uma lenda, que o povo conta.

Corre como certo, que outr'ora um navio portuguez, que demandava o nosso porto, enganando-se na barra, fôra ter á bahia de S. José, e quando a tripulação assustada o via em perigo houve uma voz, que cheia de fé invocou a protecção de S. José, e immediatamente uma onda livrou o navio dos terríveis baixios, que ali se encontram.

Passados inuitos annos regressou de Portugal o capitão d'este navio trazendo a imagem do Santo, levantou em frente da bahia, onde se deu o milagre, modesta ermida, em que a collocou.

Os habitantes da capital, desejosos de possuirem tão linda imagem, alta noite e ás occultas, a removeram para a matriz, e no dia seguinte com grande pasmo desapareceu o Santo e abrigou-se em sua capellinha.

Novo roubo fizeram, e dando-se da parte da imagem igual procedimento, ali a deixaram visto que tal era o seu desejo.»

— — —

A isto podemos ajuntar que até 1893 quasi nada havia progredido. As casas que lá havia, com excepção da casa dos Romeiros, chamada *Casa Grande*, eram meras palhoças improvisadas ás pressas, nas vespers da festa do Santo, que se celebrava todos os annos nos dias 7 e 8 de Setembro.

Entretanto não se póde negar que antes disso já no logar tivessem sido introduzidos alguns melhoramentos.

Fôra nomeada uma commissão encarregada de promover as festividades e de gerir os bens do padroeiro. Esta commissão foi composta dos cidadãos Antonio José da Silva Barreiros, então professor publico da Villa do Paço do Lumiar, Antonio José Alves, professor de S. José dos Índios e Carlos Ferreira Coelho, negociante, na capital.

Por iniciativa dessa commissão foram construidos, pelos annos de 1888 a 1893, uma rampa, ainda hoje existente, si bem que um tanto arruinada, e um outro poço empedrado, a vêr si se conseguia agua melhor do que a do poço velho.

Nesse poço foi collocada uma homba destinada a levar agua a um tanque de pedra e cal revestido de cimento, o qual ficava por detraz da ermida e está hoje inutilizado por ter-lhe passado ao meio a parede lateral esquerda da ermida nová, em construcção.

Essas obras foram realisadas quasi exclusivamente a expensas da casa de Maia, Sobrinhos & Comp., cujo chefe, então, o benemerito sr. Jacintho José Maia, para isso muito concorreu.

A partir, porem, d'aquelle anno e, sobretudo, depois que o Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga nomeou, para gerir os bens temporaes da Ermida, uma commissão composta dos srs. Carlos Ferreira Coelho, Conego Dr. Leopoldo Damasceno Ferreira, Fernando Pereira da Silva, Augusto Alves dos Santos, Luiz Antonio Vieira e Antonio Joaquim Coelho Pereira, a qual resolveu a edificação de uma nova capella, começaram a apparecer predios de certo conforto, alguns, até, bem elegantes, que foram pouco a pouco dando ao logar a feição de um arrabaide de grande cidade.

As festividades começaram a ser celebradas com maior pompa, atrahindo grande numero deromeiros, muitos dos quaes, seduzidos pelo pitoresco do sitio, pela amenidade do clima e pela proverbial salubridade do logar, por lá se deixavam ficar por mais tempo, dando isto em resultado outras construcções, cada vez mais aperfeiçoadas.

Assim é que, d'aquelle anno a esta parte, conta já o arraial 29 casas de telha e muitas de palha, com boas e vastas accomodações.

Muito tambem concorreram para esse animador progresso, duas circumstancias notaveis: a da abertura, no logar, do primeiro estabelecimento de secos e molhados que ali existio, de propriedade do sr Alfredo Francisco de Oliveira e a propagação que se iniciou n'esse tempo, da ideia de uma canalisação de agua potavel da Moropoa à S. José, visto ser a d'este logar salobra e não se poderem com ella habituar muitas das pessoas da capital.

O sr. Carlos Ferreira Coelho mandava tambem, por esse tempo, abrir um rumo em linha recta de S. José ao Anil, ponto terminal da unica ferro-via que temos, de maneira que tudo parecia combinar-se para fixar n'aquella paragem a attenção do publico.

Não adnira, pois, a rapidez d'esse desenvolvimento, antes, só devido ao excessivo preço a que attingiram os materiaes de construcção e á nunca vista carestia de vida destes ultimos tempos, pode-se comprehender que não tivesse sido muito maior.

Infelizmente, tambem, pouco duraram os trabalhos da nova Ermida que, a ser executada segundo a planta primitiva, como o estava sendo, viria a ser, talvez, um dos mais bellos padrões architectonicos do Brazil.

Foi o caso que, tendo-se retirado da presidencia da commissão o sr. Carlos Coelho, foi pelo Exm.<sup>o</sup> e Revm. Monsenhor Dr. João Tolentino Guedelha Mourão nomeada uma nova commissão que, por maioria de opiniões, resolveu abandonar o plano da construcção de uma Ermida nova, contentando-se com augmentar o comprimento da antiga, construida de soque e bastante damnificada, dando-lhe um novo frontespicio e uma torre.

Duraram aquelles trabalhos quatro mezes, durante os quaes, subiram as paredes á altura de cerca de tres metros, tendo a largura de quatro palmos sobre um alicerce de seis. Esses trabalhos foram contractados pela commissão com pessoal idoneo, por meio de empreitada e foram sempre presididos por um membro da mesma commissão. Tinha a nova Ermida trinta e cinco metros de comprimento sobre onze de largura, já tendo na occasião em que paralyzaram as obras, material sufficiente para o duplo do trabalho executado, material que foi aproveitado na reconstrucção da antiga. Não entra em nosso plano discutir semelhante preferencia; cumpre-nos apenas lamentar a não conclusão de uma obra que honraria as tradições artisticas do Maranhão e forneceria ao culto catholico um bello templo delineado de accordo com todas as prescripções da architectura, cousa que ainda não temos, por incuria nossa e habitos de estreita rotina.

Como quer, porem, que seja, o certo é que continuou o aprazível arruaal a ser frequentado por trabalhadores e suas familias, o que deu logar a quebrar-se a sua primitiva monotonia e a converter-se elle em um ponto attractante, pe as festas campestres do ve, em quando improvisadas para soluçao da continuidade da pesada labuta das semanas.

Comedia n, felizmente, esses acontecimentos, com a fundação, na capital, da primeira commissão encarregada de levar a effeito a projectada e utilissima canalisação de agua potavel para Riba-Mar.

Foi, com effeito a 29 de julho de 1835, na casa n. 3 da rua da *Fonte das Pedras*, residencia então do sr. Arthur Virgens que, depois de algumas sessões preparatorias, realisou-se a primeira sessão solemne, e n que definitivamente ficou deliberada a constituição da empresa, marecendo a ideia approvação plena de todos os presentes.

Ficou de commum accordo deliberado que na primeira opportunidade, a commissão que fosse eleita, mandaria fabricar por pessoa competente um grande cofre destinado a recolher, não só na capital, como nos diversos nucleos povoados do interior, donativos em prol do patriotico com nettimento, e, mais, que fossem feitos muitos outros cofres pequenos que, por serem destinados às casas de familia, se denominariam *cofres familiares*, devendo os membros da commissão se prestarem a recolher mensalmente as quantias n'elles depositadas, segundo a designação dos quarteirões ou districtos que em sorte lhes tocassem.

Determinado isto, foi a fabricação do cofre principal confiada ao habilissimo e desinteressado marceneiro Benedicto Serra, o qual, sympathisando em extremo com a nobre ideia, offereceu gratuitamente a commissão o seu trabalho, um dos mais perfeitos que têm sahido das suas amestradas mãos de artista.

Incidados por esse exemplo de cavalheirismo, outros artistas offereceram gratuitamente muitos outros cofresinhos destinados aos domicilios particulares e casas de commercio a retalho.

A primeira commissão, eleita com character provisorio compoz-se do iniciador da ideia, o sr. João Luiz da Silva, cidadão portuguez, e dos cidadãos Filomeno Victor Vieira, Arthur Virgens, Armindo João da Rocha, João Nepomuceno Pinheiro Barreiros e Benedicto Marcellino Serra.

Foi a 4 de Agosto de 1835 que pela primeira vez foi exposto ao publico, em logar previamente preparado e decorado, ao som de uma banda de musica marcial, gentil e gratuitamente offerecida pelo distincto coronel do exercito, Antonino Nery, então commandante da guarnição d'este Estado, (o qual continuou a ser um valioso amigo da empresa), o grande cofre, mandado fazer para o fim já indicado.

Realisou-se a cerimonia às 7 horas do dia, á praça do Mercado, tendo sido assistida por consideravel numero de pessoas, as quaes, pela maior parte, apressaram-se logo a concorrer para a empresa com os seus obulos voluntarios, notando-se em todos intima satisfação.

A decorrer d'esse dia até 10 de Agosto de 1837, em que, por motivos particulares, mas poderosos, deixou a thezouraria da commissão o sr. João Nepomuceno Pinheiro Barreiros, foi, deduzidas as quantias despendidas com varios serviços de propaganda, recolhida ao cofre grande e aos pequenos, a quantia de trez contos de réis, que ainda se acham em poder d'aquelle senhor, vencendo os juros da praça.

Em vista da retirada do sr. Barreiros, teve a commissão necessidade

de eleger outro thezourêiro da sua confiança; e como constasse que o honrado commerciante desta capital, o sr. Manoel José Maia, sympathisava em extremo com a nobre empreza e não duvidaria, ainda que com sacrificio, prestar-lhe os seus valiosos serviços, foi-lhe pelo iniciador da idéa confiado esse honroso cargo, em vista da seguinte carta que lhe fôra dirigida, cuja resposta vae tambem abaixo publicada :

—«Maranhão, 4 de Agosto de 1897.—Illm. Sr. Manoel José Maia.—Respeitavel Am.º e Sr.—Havendo V. S., em 25 de Julho p. passado, chamado minha attenção para o que diz respeito á causa d'aguas á Riba-Mar, por tudo quanto então se passou n'aquelle dia, considerei scr V. S. um voluntario auxiliar de tam desejado melhoramento, e Deus permitta que V. S., com sua força de vontade e prestigio e ainda mais com a sua grande experiencia de obras, como a que pretende-se levar a effeito com a concorrência de todos e pela fórma até hoje adoptada, faltando levar avante outras medidas que fazem parte do programma para obter-se os meios pecuniarios e ao depois—seja embora em tempos longiquos. Esta data de hoje é a do anniversario da 1ª apresentação do cofre á praça do Mercado; o que V. S. verá nos avulsos que em collecção da propaganda offereço a sua consideração.—De V. S.—Cr.º e am.º obrigado, João Luiz da Silva.»

—«Maranhão, 6 de Agosto de 1897.—Illm. Sr. João Luiz da Silva.—Dou recebida a sua carta de 4 do corrente e juntamente uma collecção de avulsos impressos relativos á Empreza de Aguas á Riba-Mar que foi entregue pelo Sr. Filomeno Victor Vieira.

Conforme lhe disse em 25 do mez passado, em casa do meu visinho Leocadio Bello da Silva, a Empreza me é sympathica desde sua iniciação, e estou prompto a prestar o meu fraco auxilio, tanto de serviços e estudos, como pecuniariamente.

Como lhe disse, já ha muito tempo, fallei a respeito com os Srs. Filomeno Vieira, compadre João Serapião da Conceição e Antonio dos Prazeres Freitas e tinha dito a elles que tencionava fazer lá uma viagem e não me esqueceria de examinar e dar a minha opinião a respeito.

Em 20 do mez passado vim de S. José de Riba-Mar e examinei as aguas de Mirititua e Moropoia. As primicias estão muito longe e por isso a conducção é muito dispendiosa; as segundas, muito perto e, por isso, a conducção muito menos dispendiosa precisa fazer-se. O meio mais facil é eleva-las por meio de um moinho de vento que, para fornecer muita agua, as deve elevar, no maximo, a 15 metros de altura, e, do ponto de elevação seguir, pela encosta do solo do outeiro, até em frente da igreja, ou até á rampa de desembarque, por um encanamento de telhões de barro bem queimado, que terão um feitto especial e boa grossura; serão assentadas em barro com cal e tomadas as juntas a cimento; cujo dispendio, só em encanamento, com o reservatorio da nascente, dous ou tres depositos, moinho e uma pequena casa, para se dar a um homem, que more n'ella com sua familia, para tomar conta do moinho, azeitar, abrir, para trabalhar e fechar quando não fôr preciso (salvo estudos difinitivos) custará tudo seis contos de réis, pouco mais ou menos.

Penso que devemos fazer uma reunião, ou em casa de nosso amigo João Barreiros, ou aonde quizerem, afim de discutir-se a fórma dos estudos difinitivos e apresentarmos ao publico o orçamento, dizendo-se quanto nos falta ainda para a conclusão das obras.

O nosso amigo Barreiros é pessoa que muito nos auxiliará, em virtude de sua boa vontade, manifestada por feitos.

Penso também que devemos, antes da festa, mandar abrir um caminho para o encanamento, marcar o reservatório e o poço ou reservatório da nascente.

O povo contribuinte, se não vir nada principiado, descrenda a empreza; e, podem estes estudos contribuir durante a festa, para augmentarmos a receita, fazendo-se, por aqui, o que se poder, no mesmo sentido: já com os cofres, já réclamos pelos jornaes, etc.

Devemos dar, este anno, principio ás obras.

Sou com particular estima—De Vme.—Amigo obrigado e Gr.—Manoel José Maia, v.

Accepta pela comissão a escolha do Sr. Manoel José Maia, para thesoureiro, deu-se este, immediatamente, ao estudo do que, em synthese, já havia exposto ao Sr. João Luiz e, depois de algum tempo de estada em S. José de Riba-Mar, determinou construir, em Moroppia, o primeiro reservatório de agua, destinado á projectada canalisação. Uma coincidência natural, mas, interessante, deu-se na escolha do local para esse reservatório: foi que, no mesmo logar, havia, talvez, mais de trinta annos, fôra mandada abrir para beneficio dos rómeiros pelo Sr. Coronel Ignacio Frazão Varella digno pae do illustrado Sr. Eleuterio Frazão Varella, uma poça d'aguas abundantes, de cuja existencia só havia vestigios.

Concluido o reservatório, teve logar a sua inauguração solemne, no dia 19 de Março de 1898, a qual foi precedida de uma benção ecclesiastica e, depois, acompanhada de orchestra, distribuição de imagens, pães, e garrafinhas d'agua do reservatório, como se vê em una das photo-gravuras que ornam o presente livro.

Este reservatório me le 4 metros de diametro, e pôde conter até 50 pipas d'agua.

Logo depois, foi collocado, entre duas columnas de pedra e cal, um portão de ferro que da estrada dá ingresso para o reservatório e nessa entrada ha um letreiro chamando a attenção do romeiro.

Mas, acontecendo, que durante a festa do Padroeiro, em 1898, anno em que reinou em Maranhão prolongada e esterilisdôra secca, se exgotasse a agua desse reservatório, resolveu o Sr. Manoel José Maia, de accordo com a comissão, construir um segundo com capacidade dupla e, para isso, transportou-se, em dezembro de 1899, com sua familia para S. José, levando em sua companhia pedreiros e operarios desta capital.

Nesse anno, porem, deu-se phenomeno contrario: o inverno ou estação das chuvas, começou cedo; de sorte que este segundo reservatório, começado a 16 de Janeiro, só poudo ser concluido a 30 de Março de 1899.

Nessas obras foi despendida a quantia de 4:284820 mil réis, a qual reunida a de 1:872446 empregada em annuncios, réclames e objectos proprios para mimos aos principaes protectores da causa, eleva a despesa a 6:155449.

N'esta data tem a Empreza depositada, na Caixa Economica do Estado a quantia de 5:3724974, especialmente destinada ao projectado encanamento, a qual, reunida a de 3:004000 que se acha em poder do primitivo thesoureiro, Sr. João Barreiros, como acima dissemos, e a de 7504000, valor de um cosmorama com duzentas vistas coloridas e muitas existentes, prefaz a somma total de 15:278 390.

Cumpre ainda relatar-se que, segundo já dissemos, foi encetada e concluida, no anno de 1897 a obra da ermida velha, a que também concorrer



**Solemne inauguração do 1º reservatório d'aguas em Moropoia, a 19 de Março de 1898, pelo Sr. Conego Dr. Leopoldo Damasceno Ferreira.**



para attrahir ao logor innumerousromeiros, curiosos de verem o novo frontespicio, que, segundo annunciou um anonymo, no jornal *Pacotilha*, era um padrão de architectura byantina.

A actual commissão compõe-se hoje do Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Sr. Arceediago Dr. Manoel Tavares da Silva, Padre Gervasio Antonio Nogueira e Capitao Antonio Joaquim de Lima Junior. Foi sob a direcção do primeiro que se effectuaram esses trabalhos, como prova a inscripção baixa existente na sacristia :

«RECONSTRUCÇÃO.—Principiada em 29 de Setembro de 1897 e terminada em 25 de Setembro de 1898, dirigida pelo Arceediago Dr. Manoel Tavares da Silva.»

Actualmente tem já essa ermida boas alfaias e entre os donativos que tem recebido devem notar-se um paramento completo para missas solemnes, offerecido pela Exm.<sup>a</sup> Sra. D. Guilhermina Augusta Mendes Vinhaes e um sino grande, offerta da Exm.<sup>a</sup> Sra. D. Hilda Guimarães Lisboa.

Alem da festa tradicional do Padroeiro, a qual, como dissemos, celebra-se no mez de Setembro, sem duvida por caher na quadra invernosa os dias pela Igreja consagrados ao Santo, uma outra começou a ser celebrada a 19 de Março, por iniciativa das Sras. D.J. Florencia Rosa Ribeiro de Miranda e Silvana Mirandolina de Souza. Foi o primeiro celebrante o Revm.<sup>o</sup> Padre Gervasio Antonio Nogueira. Esta festa continua a ser feita com numerosa concurrencia.

Convem observar-se que, convertido Riba-Mar no pittoresco arrabalde de que já nos occupamos, para ali têm ido desta capital e até do Pará e Manaus muitos doentes atacados de varias molestias, obtendo a maior parte d'elles rapidas melhoras ou completo restabelecimento, por ser o seu ar muito puro, o local bastante elevado e ter de um dos lados uma bonita praia, propria para banhos salgados.

Foi para melhor garantia da permanencia de sas condições favoraveis, que a actual commissão julgou conveniente mandar fechar o antigo cemiterio, situado ao lado direito da ermida, no coração do povoado e edificar fóra, outro maior.

Este novo cemiterio está no caminho que d'esta capital conduz ao arrabal, a cerca de duzentos metros de distancia e já tem de pedra e cal a frente, conservando-se ainda cercado de pau a pique pelos lados e pelo fundo.

N'elle está sepultado o inditoso autor da principal peça deste livro—a comedia «Os milagres de São José de Riba-Mar», que, pouco tempo depois de retocal-a, para ali se retirara a procura de melhoras em sua saude, então já bastante alterada.

Falleceu elle aos 24 de Março de 1900, tendo logar o enterramento no dia seguinte.

Achavam-se, casual ou providencialmente no logar o thesoureiro da Empreza das Aguas, o Sr. Manoel José Maia e seu digno socio, que, tendo durante a sua enfermidade, como depois de sua morte a elle prestaram, e á sua Exm.<sup>a</sup> Familia inofvidaveis serviços.

— — —

Não podemos finalizar este trabalho sem fazermos um appello á nova commissão encarregada da ermida: a de concluir, logo que a actual se ache provida dos objectos indispensaveis ao culto, a nova ermida em construcção.

Seria, com effeito, injustificavel incuria e, digamol-o francamente, triste attestado de nosso gosto artistico e dos nossos sentimentos estheticos, conservar indefinidamente aquelle velho templo acachapado, disproporcional com todo o seu conjuncto, deixando que se perca o que da nova está solida e artisticamente feito.

Tanto a planta, como dezenho exterior na nova ermida, feitos pelo nosso coestadano Luiz Ory, digno lente de dezenho no Lyceo Maranhense e na Escola Normal ainda existem e podem ser aproveitados.

Não será difficil a execução desse trabalho, em vista de grande parte dos materiaes necessarios acharem-se com abundancia no mesmo local e de ser certo o concurso des numerosissimos devotos do milagroso Santo.

E tempo de dotar-se o Maranhão, tão illustre, pelo merito litterario e scientifico de seus filhos, com alguma cousa que o recomende em materia de arte, pois, como se sabe, nenhum edificio temos, a não serem, talvez, os de algumas fabricas de Fiação e Tecidos, que n'esse particular nos recomende.

Os nossos templos, sobretudo, edificados sem a menor preocupação de estylo são todos de um *barroquismo* só compativel com o estado de ignorancia dos tempos em que foram feitos.

Oxalá ouçam-nos os que podem e devem cuidar dos interesses religiosos e temporaes de S. José de Riba-Mar e se compenetrem das verdades que deixamos escriptas n'este succinto e imperfeito esboço historico.











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).